

**INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA**

**BRUNO SOARES DE OLIVEIRA**

**SUICÍDIO: O JULGAMENTO DA VIDA PARA ALBERT CAMUS EM DIÁLOGO**  
**COM A LITERATURA DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI**

**TERESINA**

**2021**

BRUNO SOARES DE OLIVEIRA

**SUICÍDIO: O JULGAMENTO DA VIDA PARA ALBERT CAMUS EM DIÁLOGO  
COM A LITERATURA DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em  
Filosofia do Instituto Católico de Estudos Superiores do  
Piauí para obtenção do título de Licenciado em Filosofia  
sob a orientação do Prof. Dr. Luizir de Oliveira.

TERESINA

2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

---

OLIVEIRA, Bruno Soares de

O48s      Suicídio: o julgamento da vida para Albert Camus em diálogo com a literatura de Fiódor Dostoiévski. / Bruno Soares de Oliveira. - 2021.  
54 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Instituto Católico de Estudos Superiores - ICESPI, Curso de Licenciatura em Filosofia, Teresina, 2021.

Orientador : Prof. Dr. Luizir de Oliveira.

1. Suicídio. 2. Julgamento. 3. Filosofia. 4. Albert Camus. 5. Dostoiévski I. Título.

CDD – 100

---

**Elaborado por Ana Paula Ribeiro da Silva CRB 3/1704**

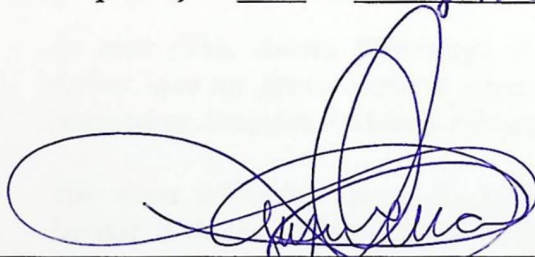
BRUNO SOARES DE OLIVEIRA

**SUICÍDIO: O JULGAMENTO DA VIDA PARA ALBERT CAMUS EM DIÁLOGO  
COM A LITERATURA DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI**

**INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ**

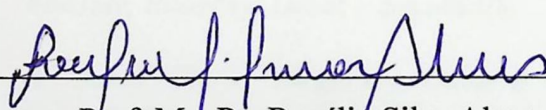
Curso de Filosofia

Data de aprovação: 02 de dezembro de 2021



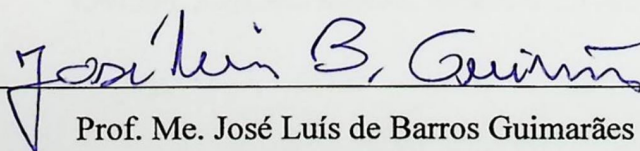
Prof. Dr. Luizir de Oliveira

Orientador



Prof. Me. Pe. Rocélio Silva Alves

Primeiro Examinador



Prof. Me. José Luís de Barros Guimarães

Segundo Examinador

*Dedico esta laboriosa construção monográfica ao autor de toda vida, de onde tudo procede e para onde tudo tende e a Santa Mãe de Deus, Senhora das Dores.*

*À minha família, em especial minha mãe Maria José, a melhor escola pela qual passei, e meus irmãos Breno, Bianca e Joais - meu irmão postiço, pelo apoio que nunca me deixaram faltar.*

*Aos meus irmãos de caminhada Matheus Soares e Érick Pereira, que junto com o Mateus Barros se tornaram mais que amigos, mas sim uma família. Assim também como Erasmo Nery, que mesmo chegando depois também se fez tão importante.*

*Ao meu filho, Aicom Wuandson, e meu afilhado de batismo, José Arthur, que me fazem sentir o amor de pai em minha vida, e a meus compadres Joaquim, Mikaelly e Lucas.*

*Aos meus afilhados Lucas Raylan, juntamente com a sua família, Larisse e Rocha; Vilmar Júnior; Vinícius Lima; Mauryglã Richard; Heverton Isaac; Diógenes Victor e a família que ele me trouxe.*

*Aos meus primeiros irmãos de caminhada, que me incentivaram na vocação e que hoje são família para mim e me abraçaram nas suas: Roosely, Rooseny, Lucas e Emanuely.*

*À Maria Clara, Serginho, Alicia e minha netinha Isabella, que formam meu segundo lar.*

*Aos meus amigos do EJC, nas pessoas dos meus primos Carla Cristina, Rayanne Ribeiro, Modesto Alcântara e João Pedro.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo chamado à vida, e à vocação tão sublime, e à Mãezinha do céu pela intercessão materna.

A Dom Jacinto pelo incentivo e confiança vocacional como pai e amigo sempre atento e preocupado com seus filhos seminaristas.

Aos formadores do Seminário Maior, Pe. Antônio Soares e Padre William Santos, pelo exemplo e preocupação em nos fazer crescer como homens, aos quais serei eternamente grato.

Aos padres amigos, em especial Padre Deodato Felipe, que me encaminhou ao seminário, meu diretor espiritual, Padre Rivaldo; meu orientador pastoral, padre Gonçalo; e Padre Fabrício, amigo da minha família.

Aos funcionários e ex-funcionários do ICESPI, em especial: Antônio (Robinho), Emanuelly (Manu), Teresa, Lourildes, pelo apoio que nos deram durante a convivência diária de estudos.

Aos Professores do Instituto, em especial a três mulheres que foram essenciais na minha vida acadêmica: Professora Elisângela Amaral, Professora Maria Celeste e Professora Ana Beatriz.

Ao meu grande orientador, Professor Luizir, pela ajuda solícita e generosa, por quem agradeço também aos professores da minha banca, Padre Rocélio Alves e Professor José Luiz.

Ao amigo e irmão, Professor Wellisson Marcos, pela ajuda imensa nas horas de dúvida e pela confiança nas minhas capacidades.

Agradeço a todos os funcionários da “minha casa”, Seminário Dom Edilberto Dinkelborg: Maria, Josélia, Enauba e Paulo, e também a dona Ana por diariamente nos tratarem como filhos e nos ajudarem a sermos pessoas melhores.

Aos meus irmãos de turma, em especial Frei Fábio, Jefferson Thomas, Eduardo Monteiro, José Tenório, Francisco Rafael e Alberto Leite, pelo carinho e proximidade.

Aos meus irmãos de Casa, onde destaco os seminaristas Manoel Alves, Lincoln Pereira, Pedro Dannte e Lucas, pelas conversas que, nas alegrias ou tristezas, tornaram meus dias mais leves.

Aos amigos da Casa da Teologia, em especial, Eneás, Yago, Jarbas, Jair, Zequinha e Alisson.

Aos meus irmãos de paróquia, Hélio Garcia, Sávio Daniel, Mayckon Douglas e Jackson Castro, pela companhia e irmandade que me deram forças pra chegar até aqui.

À Arquidiocese de Teresina, especialmente aos Benfeitores do Projeto “Terra Sacerdotal, lembrando de todo apoio recebido por onde passei, em especial a todos da minha paróquia Santíssimo Sacramento.

Por fim, agradeço a todos que direta e indiretamente contribuíram para minha vida ou para a construção deste trabalho.

*“O que me perturba e intimida  
O meu espírito forte  
Não é a certeza da morte,  
Mas a incerteza da vida.”*

*(Da Costa e Silva)*

## RESUMO

O presente trabalho investiga o fenômeno do suicídio a partir da Filosofia do absurdo de Albert Camus, buscando apontar um julgamento correto da vida. Em sua obra *O mito de Sísifo*, Camus identifica a questão da automorte como um problema fundamental à filosofia, relacionando-a com a absurdidade – a desproporção entre o homem e o mundo. Em sua teorização, consciente do absurdo o homem só tem duas escolhas: o suicídio ou o reestabelecimento. Para a análise dessas opções, duas narrativas de Fiódor Dostoiévski, jornalista e escritor russo, serão utilizadas como pano de fundo para tal reflexão: *A dócil* e *O sonho de um homem ridículo*. Na primeira novela, encontramos um narrador que dialoga consigo mesmo tentando entender as motivações que levaram sua esposa a se matar. Na segunda, temos um homem que depois de perceber a falta de sentido em sua vida, planeja seu suicídio, mas desiste depois de ter sido abordado por uma menina. Para o desenvolvimento deste trabalho utilizamos Camus (2020) e Dostoiévski (2017), e alguns de seus comentadores, como Ortega (2010), Oliveira (1988) e Vargas (2016).

PALAVRAS-CHAVE: Suicídio; Albert Camus; Absurdo; julgamento; Dostoiévski; literatura.

## RESUMÉ

Le présent travail étudie le phénomène du suicide à partir de la philosophie de l'absurde de d'Albert Camus, cherchant indiquer un jugement correct de la vie. Dans son ouvrage *Le mythe de Sisyphe*, Camus identifie la question de l'auto-mort comme un problème fondamental de la philosophie, la reliant à l'absurdité – la disproportion entre l'homme et le monde. Dans sa théorisation, conscient de l'absurdité, l'homme n'a que deux choix: le suicide ou la guérison. Pour l'analyse de ces options, deux récits de Fiodor Dostoïévski, le journaliste et écrivain russe, serviront de toile de fond à une telle réflexion: *Le docile* et *Le rêve d'un homme ridicule*. Dans son premier roman, on retrouve un narrateur qui dialogue avec lui-même, en essayant de comprendre les motivations qui ont poussé sa femme à se suicider. Dans le second, il y a un homme qui, après avoir réalisé le manque de sens à sa vie, planifie son suicide mais il l'abandonne après avoir été approché par une fille. Pour le développement de ce travail, nous avons utilisé Camus (2020) et Dostoïévski (2017), et certains de leurs commentateurs, tels que Ortega (2010), Oliveira (1988) et Vargas (2016).

MOTS-CLÉ: Suicide; Albert Camus; Absurde; jugement; Dostoïévski; littérature.

## SUMÁRIO

|          |                                                                                                     |           |
|----------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                             | <b>9</b>  |
| <b>2</b> | <b>A FILOSOFIA DE ALBERT CAMUS .....</b>                                                            | <b>12</b> |
| 2.1      | O problema do absurdo no ensaio <i>O mito de Sísifo</i> .....                                       | 15        |
| 2.2      | O suicídio diante do absurdo .....                                                                  | 18        |
| 2.3      | A revolta como consequência do absurdo .....                                                        | 20        |
| <b>3</b> | <b>O DIVÓRCIO DA VIDA DENTRO DA LITERATURA DE DOSTOIÉVSKI A<br/>PARTIR DA ÓTICA CAMUSIANA .....</b> | <b>24</b> |
| 3.1      | Dostoiévski e a morte voluntária como tema literário .....                                          | 25        |
| 3.2      | O suicídio como resposta ao absurdo na obra <i>A dócil</i> .....                                    | 28        |
| 3.3      | O reestabelecimento como resposta ao absurdo na obra <i>O sonho de um homem<br/>ridículo</i> .....  | 34        |
| <b>4</b> | <b>O JULGAMENTO CORRETO DA VIDA PARA CAMUS .....</b>                                                | <b>39</b> |
| 4.1      | Análise do julgamento feito pelas personagens dostoevskianas .....                                  | 39        |
| 4.2      | O absurdo como condição da existência humana e a recusa ao suicídio .....                           | 43        |
| 4.3      | O desenlace lógico do absurdo: o reestabelecimento .....                                            | 45        |
| <b>5</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                                   | <b>49</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                                                            | <b>51</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

O fenômeno do suicídio tem suas raízes históricas desde as sociedades primitivas, sendo que os primeiros registros datam de 2.500 a.C. na cidade de Ur na Mesopotâmia (NETTO, 2007 apud ALVARENGA, 2015, p. 1). Desde então, a questão da automorte constitui-se como uma problemática complexa, tendo em conta que no homem há um desejo natural de viver.

Certamente, foi o sociólogo francês Émile Durkheim quem escreveu o maior tratado sobre a morte voluntária. Na sua obra *O suicídio* (1897), pioneira sobre esse tema, há uma completa e detalhada investigação sobre o fenômeno do suicídio. Como conclusões desse estudo, Durkheim conceitua o suicídio como um fato social e o considera um aspecto patológico, ou seja, como uma mazela própria das sociedades modernas.

Entretanto, de acordo com Hilman (1964/1993), conforme citado por Alvarenga (2015, p. 6), existem várias análises estatísticas sobre o suicídio com base em prevalência, idade, sexo, religião, raça e até região, mas como isto ajuda a entender e compreender a vivência de um sujeito particular, situado em um momento e em uma sociedade específica? Para tal, seria necessário buscar na Filosofia tais respostas.

Entretanto, mesmo que recentemente o suicídio tenha sido mais debatido e abordado dentro de diversos âmbitos - como o social, o psicológico, o espiritual e religioso - as reflexões obtidas ainda são incipientes em face à questão levantada, principalmente quando nos referimos à área filosófica (ALVARENGA, 2015; PIMENTA, 2012).

Dentro da discussão filosófica, as reflexões sobre o suicídio têm origens que remontam ao estoicismo e perpassam por toda a história da filosofia, ainda que este não seja o tema central dessas meditações (OLIVEIRA, 2018; GONDIM E MARTINS, 2021). Contudo, ainda permanece velada em alguns aspectos, uma vez que o debate sobre o suicídio se constitui como um grande estigma e ainda é marcado por muitos preconceitos e por isso permanece emudecido dentro das pesquisas e discussões acadêmicas. Nesse sentido, pode-se questionar se a história da filosofia tem dado a devida atenção a esse problema filosófico tão primordial apontado por Camus.

Albert Camus, filósofo e literato nascido na Argélia, inicia a sua obra *O mito de Sísifo* (1942) afirmando que o suicídio é o único problema filosófico realmente sério e que a pergunta fundamental da filosofia é julgar se a vida vale a pena ser vivida. Ao longo de seu ensaio, Camus apresenta o seu conceito de absurdo – a desproporção entre as exigências do

em relação ao silêncio do mundo – e a sua consequência, a revolta. Tais noções são extremamente necessárias para a discussão da automorte.

Camus entende que a vida maquinal que o homem leva o impede de perceber a absurdidade no qual ele está inserido, até que em determinado momento, ele desperta e torna-se consciente de sua ínfima condição. Frente ao absurdo, cabe ao indivíduo escolher entre dois caminhos que se apresentam: o suicídio ou o reestabelecimento.

Um dos autores que muito influenciou o filósofo argelino, Fiódor Dostoiévski, também se dedicou a essa temática dentro de sua literatura, após uma onda de suicídios que avançou sobre São Petersburgo. Escreveu, então, um artigo intitulado *Dois suicídios* (1876), além dos romances *A dócil* (1876) e *O sonho de um homem ridículo* (1877), que tematizam a questão da morte voluntária sobre diferentes aspectos. Ele desenvolveu, em narrativas densas, questões concernentes aos dramas humanos universais que o levam a ser colocado como um romancista filósofo por Camus.

Nas duas novelas a temática do suicídio se apresenta de diferentes maneiras. Em *A dócil*, encontramos um narrador atormentado, que diante do caixão de sua esposa, discorre sobre a história de seu relacionamento tentando compreender os motivos que a fizeram desistir de viver. Já em *O sonho de um homem ridículo*, um homem que já perdeu o sentido de sua vida decide se matar em uma determinada noite, mas acaba desistindo desse ato mortal após o contato com uma criança e que gera um gatilho que o faz ter um sonho que lhe indicava a possibilidade de viver uma realidade utópica.

Assim, o presente trabalho, que está dividido em três capítulos, aborda o tema do suicídio na perspectiva camusiana, utilizando-se das narrativas *A dócil* e *O sonho de um homem ridículo*, escritas por Dostoiévski, e analisa se há um julgamento correto da vida para Camus e a sua posição sobre o suicídio, a partir das decisões tomadas pelas personagens das obras literárias supracitadas.

Desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória, de procedimento bibliográfico, propiciando uma fundamentação teórica que auxilie na discussão. A abordagem empregada para a sua construção foi a filosófico-literária, que retoma e evidencia o pensamento dos dois eixos temáticos selecionados, de forma dialética, juxtapondo, posteriormente, o entendimento de ambos sobre a temática.

No primeiro capítulo, faz-se uma breve biografia e contextualização de Albert Camus. A filosofia camusiana é apresentada abordando os conceitos de absurdo e de revolta, além de outras noções pertinentes para a discussão, como a lassidão, a diferença entre o suicídio físico

e filosófico, a distinção entre a revolta metafísica e a revolta histórica e a solidariedade que surge da revolta.

No capítulo seguinte, a literatura de Dostoiévski e a sua relação com o tema da morte voluntária é descrita, detalhando algumas de suas características e personagens autodestrutivos. Também se relaciona o suicídio figurado na obra *A dócil* e o reestabelecimento representado em *O sonho de um homem ridículo* como respostas ao absurdo.

Já no terceiro capítulo, é feita uma análise das ações tomadas pelas personagens nos romances dostoievskianos a partir dos conceitos de absurdo e revolta, a sua ligação com o absurdo e a condição do homem no mundo, e qual o julgamento que Albert Camus considera correta para a vida frente à questão do suicídio.

## 2 A FILOSOFIA DE ALBERT CAMUS

*"Porque sou eu um artista e não um filósofo? É porque penso segundo as palavras e não segundo as ideias."*

*(Albert Camus)*

Filho de um francês e uma descendente de espanhóis, Albert Camus nasceu na cidade de Mondovi, em 1913, na Argélia, até então colônia francesa. Depois de perder o pai na Batalha do Marne, em 1914, durante a Primeira Guerra Mundial, muda-se para um bairro operário em Argel. Após uma infância difícil, conturbado pelas guerras e pela miséria, filiou-se na França ao Partido Comunista (1934-1935) e em 1940 aderiu ao movimento da Resistência contra a ocupação alemã.

No ano de 1944, torna-se o redator-chefe do *Combat*, um diário clandestino de oposição ligado à Resistência que conseguiu vender 300 mil exemplares ainda em 1943. Foi nesse ínterim que Camus estabelece uma amizade com Jean-Paul Sartre, mas que anos depois se desfaz por desacordo entre as ideias de ambos. O filósofo franco-argelino morre em um acidente automobilístico na madrugada de 2 de janeiro de 1960, enquanto se dirigia à França.

A partir de sua biografia, é possível então entender como esses acontecimentos influenciaram fortemente a sua visão de mundo, e ulteriormente, a visão de mundo de muitos dos intelectuais pós-guerra. Tais fatos foram tão marcantes, que permeiam perenemente os seus escritos, retomados em situações e experiências vividas, como as guerras, a pobreza, a dignidade humana, a violência, entre outras. Assim corrobora Costa:

Os inúmeros temas com os quais Camus se preocupou refletem à relação do filósofo para com as vicissitudes de sua época. A vivacidade com que ele se envolveu com os acontecimentos que marcaram profundamente sua geração, deve-se, sobretudo, ao fato de tentar compreender a opacidade do mundo em que estava inserido (COSTA, 2020, p. 15).

Autor de uma extensa produção bibliográfica, Camus foi jornalista, ensaísta, dramaturgo e romancista. Entre peças de teatro, ensaios e romances, escreveu 25 obras, das quais podemos destacar *A queda* (1956), *A peste* (1947) e *O homem revoltado* (1951). Além destas, 3 escritos seus têm uma especial relevância por enfatizarem o tema do absurdo e os

seus desdobramentos, conceito primaz de sua construção filosófica.<sup>1</sup> Constituem essa trilogia do absurdo a peça *Calígula* (1941), o romance *O estrangeiro* (1942) e o ensaio *O mito de Sísifo* (1942).

Um aspecto presente em suas obras é o fato de Camus sempre recriar os mitos e suas respectivas elucubrações servindo como fontes de inspiração às produções literárias, bem como centros de reflexão às alegorias filosóficas presentes em seus escritos (AZEVEDO, 2017, p. 25). Sísifo, Prometeu e Nêmesis<sup>2</sup> são personagens principais dentro de seus escritos e que valorizam o sensível e o subjetivo existente neles.

Destaca-se aqui outra característica marcante de Camus, que está no seu vocabulário bem mais compreensível, e que facilitou a sua aceitação por parte da sociedade. “Ao contrário de uma prosa cada vez mais pesada e carregada de termos técnicos, procura voltar à simplicidade, ao linguajar cotidiano” (BERNDT, 1961, p. 53). Graças a seus escritos, que colocaram em relevo os problemas que se apresentaram em seu tempo à consciência dos homens, ganhou o Prêmio Nobel de Literatura de 1957.

Embora Camus tenha essa vasta antologia, o seu reconhecimento como filósofo é tardio, causado pela forte ligação que o seu trabalho tem com a literatura e as artes. Somente com a publicação d’*O mito de Sísifo*, ele passa a ser reconhecido como filósofo, ainda que não aceitasse essa titulação. Contudo, é comum, inclusive por parte de renomados autores como Reale e Antiseri (1990), classificar Camus como um filósofo existencialista.

Entretanto, ainda que haja uma afinidade dentro das reflexões, com termos comuns e algumas noções por vezes similares, e principalmente a morte como temática privilegiada nas discussões, os caminhos tomados por Camus a partir desse ponto se diferem substancialmente da corrente existencialista. Como afirma Berndt (1961, p. 53), ele “recebe e aceita suas influências, mas em decisiva e enérgica contraposição, toma e defende rumos próprios”.

A ruptura do pensamento camusiano com a corrente existencialista ocorre tanto de maneira filosófica como política. Na perspectiva filosófica, a diferença entre cada concepção se encontra no foco dado às reflexões feitas por cada uma a partir do eixo da morte. Como apresenta Oliveira (1988, p. 14), enquanto na filosofia existencialista analisa-se a presença da morte como uma das estruturas do homem, procurando-se, na vivência que dela se tem, construir uma ontologia, o pensamento camusiano volta-se para as consequências tiradas de

---

<sup>1</sup> Camus planejava construir o seu pensamento em ciclos que abordariam temas centrais de sua filosofia - como absurdo, revolta e amor - e seriam compostas de uma peça de teatro, um romance e um ensaio, que seria ilustrado por um mito grego.

<sup>2</sup> Sísifo e Prometeu ilustram, respectivamente, os conceitos do Absurdo e da Revolta. Nêmesis caracterizaria o ciclo do amor. Entretanto, devida à repentina morte de Camus, o texto em que esse mito seria trabalhado não foi terminado, tendo-se conhecimento dele apenas por algumas anotações deixadas pelo autor.

tal experiência, ou seja, Camus, que observa o homem movendo-se para a revolta, recusa precisamente o existencialismo por ele não ultrapassar a vivência da angústia e se deter nela.

Outrossim, há um distanciamento causado pela abertura que o existencialismo dá pela aceitação da esperança. Para Camus, qualquer opção que permita ao homem fugir da sua condição absurda - como a religião ou a esperança - o impede de viver bem e deve ser rejeitado. Como o próprio autor afirma:

Por um raciocínio singular, partindo do absurdo sobre os escombros da razão, num universo fechado e limitado ao humano, elas [as filosofias existenciais] divinizam aquilo que as oprime e encontram uma razão para ter esperança dentro do que as desguarnece. Essa esperança forçada tem, em todos eles, uma essência religiosa (CAMUS, 2020, p. 42).

Do ponto de vista político, a separação com o existencialismo decorre do desalinho entre as posições de Sartre e Camus a partir da publicação de *O homem revoltado*, na qual o filósofo argelino descreve as tragédias ocasionadas pelo totalitarismo e pela revolução em tempos contemporâneos, e que se concretiza na crítica lançada um ano após na edição de nº 82 da revista de Sartre, *Les Temps Modernes*, que era partidário do Comunismo. Em resposta a uma carta remetida por Camus à direção da revista, Sartre o responde reafirmando no início, de maneira sutil, o seu posicionamento.

Meu querido Camus: Nossa amizade não era fácil, mas vou sentir a falta dela. Se você a quebra hoje, é, sem dúvida, porque ela devia ser quebrada. Muitas coisas nos aproximavam, poucas nos separavam. Mas este pouco já era além da conta: a amizade, também ela, tem tendências de ser totalitária (JEANSON, 1999, p. 87, tradução nossa).<sup>3</sup>

Entretanto, é importante salientar que, anos antes, Camus já havia declarado a sua posição com relação aos existencialistas. Numa entrevista em 15 de novembro de 1945, dada a Jeanine Delpuch para a revista *Les Nouvelles littéraires*, Camus esclarece:

Não, eu não sou existencialista. Sartre e eu nos espantamos sempre ao ver nossos dois nomes associados. Pensamos mesmo em publicar algum dia um pequeno texto em que os abaixo-assinados afirmarão nada terem em comum e recusarão responder pelas dívidas contraídas um com o outro. [...] Sartre e eu publicamos todos os nossos livros, sem exceção, antes de nos conhecermos. Quando nos conhecemos foi para constatar nossas diferenças.

---

<sup>3</sup> “Mi querido Camus: Nuestra amistad no era cosa fácil, pero he de lamentarla. Si usted la rompe hoy, es sin duda porque debía quebrarse. Muchas cosas nos acercaban, pocas nos separaban. Pero este poco ya era demasiado: la amistad, también ella, tiene tendencias de ser totalitaria; [...]”

Sartre é existencialista e o único livro de ideias que publiquei, *O mito de Sísifo*, era dirigido contra os filósofos ditos existencialistas (CAMUS, 1965a, p. 1424 *apud* PIMENTA, 2018, p. 84).

Feito todo esse itinerário, fazendo-se as devidas explicações e situando o nosso pensador, podemos agora abordar com mais nitidez o pensamento de Albert Camus. Para tal objetivo, analisaremos a obra *O mito de Sísifo*, produção primaz de sua teorização filosófica, no qual ele apresenta o suicídio como uma questão ser debatida.

## 2.1 O problema do absurdo no ensaio *O mito de Sísifo*

“Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia” (CAMUS, 2020, p. 19). Assim, Albert Camus inicia o ensaio que o lançou como filósofo para o mundo, e que traz luzes a uma reflexão ética, por vezes, tão desconsiderada.

Contudo, é preciso aqui fazer uma introdução à noção de absurdo, uma vez que “o tema deste ensaio é justamente essa relação entre o absurdo e o suicídio, a medida exata em que o suicídio é uma solução para o absurdo” (CAMUS, 2020, p. 22). Desse modo, faz-se necessário compreender todo o percurso que atinge o homem desde a sua constatação do absurdo vivido até a sua possibilidade de resolvê-lo através da automorte.

Camus, nesse ensaio sobre o absurdo, apresenta a existência humana em cenários triviais, que indicam uma vida automática, sem propósito e que encaminham ao esgotamento. Acordar, trabalhar, ir e vir, dormir, e repetir essas ações ao longo do tempo. Esse ciclo leva o homem à fadiga, o que, por sua vez, o faz questionar o sentido de todos esses gestos cotidianos. “A lassidão está ao final dos atos de uma vida maquinal, mas inaugura ao mesmo tempo um movimento da consciência. Ela o desperta e provoca sua continuação” (CAMUS, 2020, p. 27).

Nesse sentido, a história de Sísifo, que intitula o pioneiro ensaio do autor franco-argelino, constitui um bom panorama para a explanação do conceito de absurdo, pois, como declara Caxito (2018, p. 33), “o mito de Sísifo representa fielmente a vida humana, carregada de fardos absurdos [...]”.

Camus escolhe Sísifo por ele ser um “herói absurdo”, tanto por causa de suas paixões como de seu tormento (CAMUS, 2020, p. 122). Sísifo, que desafia os deuses em favor dos demais homens, é condenado pelo Olimpo por sua desobediência e atrevimento a um castigo perene e improdutivo: Empurrar uma pedra até o cume de uma montanha, mas de que nada

seria útil, uma vez que ela sempre despencaria até o seu sopé novamente, fazendo-o carregá-la novamente até o topo, onde o ciclo se repetiria.

A tragicidade desse mito se encontra exatamente na figura de um herói consciente, que sabe da inutilidade de seu trabalho. Como Camus observa, é exatamente no momento em que a rocha despenca, que há, tanto nos homens como em Sísifo, a tomada de consciência, quando cada um pode perceber a infecunda lida de sua existência.

É durante esse regresso, essa pausa que Sísifo me interessa. [...] Essa hora, que é como uma respiração e que se repete com tanta certeza quanto sua desgraça, essa hora é a da consciência. Em cada um desses instantes, quando ele abandona os cumes e mergulha pouco a pouco nas guaridas dos deuses, Sísifo é superior ao seu destino. É mais forte que sua rocha (CAMUS, 2020, p. 122).

Assim, em um determinado ponto da vida, o indivíduo cai em si e a sua consciência acusa o vazio em que ele mesmo se encontra, pois “despertar para o absurdo é exatamente enxergar e reconhecer a condição na qual estávamos inseridos” (COSTA, 2020, p. 13). Há, a partir de então, uma ruptura entre todas as estruturas já consolidadas pelo homem, que agora está divorciado da vida pela falta de razão que ela apresenta.

Essa irracionalidade, agora percebida pelo homem, é o que lhe causa esse desconforto, essa angústia, uma vez que ele é um ser que busca compreender e assimilar a sua existência através da razão. Como Camus (2020, p. 33) afirma, “não existe felicidade se eu não puder saber”. Da mesma forma, essa necessidade de entendimento do mundo faz com que o homem procure respostas para os seus questionamentos.

A ciência se apresenta como um modo de se alcançar esse objetivo. Embora Camus não a rejeite, ele considera que ela - a ciência - não consegue retirar o homem desse mal-estar no qual está, porque ainda que ela seja capaz de elucidar questões físicas, químicas, entre outras, ela não é capaz de oferecer certezas, somente hipóteses. “Entendo que posso apreender os fenômenos e enumerá-los por meio da ciência, mas nem por isso posso captar o mundo” (CAMUS, 2020, p. 33).

Como o autor salienta, nesse frenesi do homem de obter respostas aos seus questionamentos, a sua racionalidade praticou excessivos deslizos ao longo do tempo. Segue que para Camus (2020, p. 32) “se fosse preciso escrever a única história significativa do pensamento humano, deveria ser a de seus arrependimentos sucessivos e de suas impotências”.

Em face dessa impossibilidade de compreender o seu universo, identifica-se o absurdo, já que ele “nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio irracional do mundo” (CAMUS, 2020, p. 39). O homem que se esforça em saber, mas que diante da taciturnidade do meio onde vive se sente incomodado. Como esclarece Caxito:

[...] a qualquer momento, se chega à consciência de que somos seres com diretrizes fortemente racionais, jogados dentro de um mundo e de uma vida fortemente irracional. Quando uma força incontável que busca conhecer toma consciência do quão inexorável, desconhecido, nunca explicável, é verdadeiramente o mundo a seu redor, ela traduz essa colisão no sentimento de absurdo (CAXITO, 2018, p. 32).

Independentemente da situação, do lugar ou do tempo, essa verificação do absurdo acontece em algum momento da vida. “Não importa quando, onde ou como, se é no hospital, no trabalho ou no próprio seio familiar, todos, sem exceção, estão sujeitos a esse surpreendente e súbito confronto” (COSTA, 2020, p. 13). Assim, o absurdo apresenta-se como uma experiência individual e que atinge cada indivíduo, e que por isso deve ser entendido como uma condição da humanidade.

Dentro dos desdobramentos levantados sobre o absurdo, o filósofo argelino identifica dois conceitos: o sentimento do absurdo e a noção de absurdo. Como ele mesmo afirma, o sentimento não é a noção; ele a funda, mas não se resume a ela, a não ser no instante que lhe aponta seu juízo em direção ao universo e lhe permite ir mais longe (CAMUS, 2020, p. 39). O sentimento do absurdo é essa indisposição vivenciada pelo homem, que, almejando uma ordem que lhe encaminhe em sua jornada pessoal, se depara com uma existência marcada por contrassensos e incertezas. Para Camus (2020, p. 41), essa sensação não se encaminha de um simples exame ou constatação de um fato, mas sim da comparação que existe entre um estado de fato e uma certa realidade, uma ação e o mundo que a supera.

Assim, sentir o absurdo significa perceber a desproporção que há entre aquilo que o homem espera, a sua intenção, e a realidade que o espera; constatar as suas reais forças perante a vontade, o objetivo que o próprio homem se propõe (CAMUS, 2020, p. 40). A noção de absurdo decorre dessa experiência vivida pelo homem. Ela se desenvolve no plano da inteligência, na análise do confronto que existe entre as duas partes. Desse modo, a compreensão do absurdo se dá não na existência do homem ou do mundo, mas sim na relação de disparidade que une os dois. De acordo com Azevedo:

O mal-estar da existência é percebido pela sensibilidade, mas nem tudo que o sentimento do absurdo percebe consegue ser explicado pela inteligência. Dessa maneira, Camus afirma que o sentimento do absurdo antecede a noção do absurdo e ele por sua vez a ultrapassa. Logo, diante de uma razão insuficiente e limitada, observa-se que ela [a razão] não eliminará a importância do sentimento (AZEVEDO, 2017, p. 40).

Após todo esse processo de tomada de consciência, de fuga desse torpor vivido pelo homem, ele agora vive um desdobramento desse despertar. Para Camus (2020, p. 27), “a continuação é um retorno inconsciente aos grilhões, ou é o despertar definitivo. Depois do despertar vem, com o tempo, a consequência: suicídio ou restabelecimento”. Apresentaremos essas duas opções no próximo tópico, delimitando as suas características e como elas são pensadas como soluções para absurdo.

## **2.2 O suicídio diante do absurdo**

Impactado agora pela consciência do absurdo, o homem vive essa relação conflituosa consigo mesmo, essa fratura decorrida da fragmentação da existência frívola e do mundo maquinal, que agora dão lugar a um universo incoerente e desconexo, inacessível a ele. “Face ao absurdo, tomamos consciência de que somos frágeis e estamos sós” (MACHADO, 2010, p. 51).

Perante esse sentimento tão aterrador, cabe agora ao homem definir a sua vida, tomar a escolha que vai defini-la para sempre, pois como afirma Camus (2020, p. 40), “viver sob este céu sufocante nos obriga a sair ou ficar. A questão é saber como se sai, no primeiro caso, e por que se fica, no segundo. Defino assim o problema do suicídio.” Nessa perspectiva, temos duas escolhas: ou se opta pelo suicídio, ou se opta pelo reestabelecimento.

Como o próprio Camus ratifica (2020), sempre se tratou o suicídio unicamente como um fenômeno social. Contudo, em suas teorizações, é observado a partir da relação entre o pensamento individual e o ato de não mais querer viver, na medida exata em que o suicídio se apresenta como uma solução para a absurdidade da vida. Isso porque, continua Camus (2020, p. 21), “todos os homens sadios já pensaram no seu próprio suicídio, pode-se reconhecer, sem maiores explicações, que há um laço direto entre tal sentimento e a aspiração ao nada”.

Para ele, esse “jogo mortal” deve ser acompanhado e compreendido. Em suas reflexões, Camus (2020, p. 20) observou que alguns, em especial os mais humildes, desestabilizados pela fragilidade de seus pensamentos, abriram mão de sua vida, seu bem mais valioso, enquanto outros, príncipes do espírito, abdicaram dela [a sua vida], com a morte

de seu pensamento. Depreende-se dessa sua análise que existem dois tipos de suicídio: o suicídio físico e o suicídio filosófico.

O suicídio físico, o ato de se matar, decorre de uma vida que, mesmo admitindo a maquinalidade da sua existência, não consegue se desvincular desse agir corriqueiro e exaustivo e nem lhe dar um significado concreto que legitime seu existir, entrando em confronto com a opção irreversível de não mais viver. Segundo Camus,

Continuamos fazendo os gestos que a existência impõe por muitos motivos, o primeiro dos quais é o costume. [...] Morrer por vontade própria supõe que se reconheceu, mesmo instintivamente, o caráter ridículo desse costume, a ausência de qualquer motivo profundo para viver, o caráter insensato da agitação cotidiana e a inutilidade do sofrimento (CAMUS, 2020, p. 21).

É difícil precisar o momento em que o indivíduo decide dar fim a sua existência, ou quais motivações levaram a tal ato. Como Camus (2020, p. 20) observa, nem sempre as causas mais aparentes foram realmente aquelas mais eficazes. Assim, ainda que se fale com frequência de “aflições íntimas” ou “doença incurável”, até mesmo a forma de uma pessoa tratar a outra já pode ser o suficiente para fazê-la reviver todos os seus rancores e mágoas reprimidos dentro de si.<sup>4</sup>

O suicídio filosófico, por sua vez, é o abandono, a retirada do problema do absurdo a partir da aceitação da esperança ou da transcendência, atitudes assumidas pelas filosofias existenciais. Isso porque, como já foi abordado no início do capítulo, tanto a esperança como a religião negam a razão humana e fazem com que o homem “salte” para fora de sua condição, das suas próprias fronteiras e se apegue em crenças ou/e ao eterno. Nesse sentido é que está o suicídio: fazer morrer o absurdo.

É uma maneira cômoda de designar o movimento pelo qual um pensamento nega a si mesmo e tende a superar-se no que diz respeito à sua negação. A negação é o Deus dos existencialistas. Esse deus, exatamente, só se sustenta pela negação da razão humana. Mas, como os suicídios, os deuses mudam de acordo com os homens. Há várias maneiras de saltar, mas o essencial é saltar. Essas negações redentoras, essas contradições finais que negam o obstáculo que ainda não foi superado, tanto podem nascer (é o paradoxo deste raciocínio) de uma certa inspiração religiosa quanto da ordem racional. Elas sempre aspiram ao eterno, e só nisso dão o salto (CAMUS, 2020, p. 50).

---

<sup>4</sup> Considere-se, assim como Camus sobreleva em seu ensaio, que existem razões muito mais honrosas para o suicídio, tais como o os suicídios políticos, chamados de protesto, na revolução chinesa.

Todavia, é preciso cuidado com a intenção com a qual Camus critica essas noções. Conforme Machado (2010, p. 56), ele não condena absolutamente o devir, mas censura o fato de o homem fazer dele seu ideal, negando o presente e resignando-se hoje para ser feliz amanhã. Assim, Camus não pode ser “considerado um autor pessimista, e sim alguém que aponta caminhos com base em ações verídicas da própria existência [...]” (COSTA, 2020, p. 35).

Já no reestabelecimento, nós encontramos um indivíduo que decide se manter ligado ao absurdo. “Ele reconhece a luta, não despreza em absoluto a razão e admite o irracional. Recobre assim com o olhar todos os dados da experiência e está pouco disposto a saltar antes de saber. Ele só sabe que, nessa consciência atenta, já não há lugar para a esperança” (CAMUS, 2020, p. 46). Esse homem já desperto, cômico de seu estado, agora passará a protestar contra a sua frágil condição. Ele se revoltará.

Camus considerou a revolta como a única postura filosófica coerente com a noção do absurdo e uma consequência desse estado de lucidez. Abordaremos agora os aspectos da revolta e como ela se manifesta no agir desse homem revoltado.

### 2.3 A revolta como consequência do absurdo

Resultante do absurdo, a revolta é, como Camus (2020, p. 60) a descreve, o confronto do homem com a sua própria escuridão, a exigência de uma transparência impossível e que estende a consciência ao longo do tempo; é a presença constante do homem diante de si mesmo. Sem nenhum caminho para fugir de sua realidade, o homem agora passa a aceitá-la, mas insatisfeito com tal situação, clama por uma condição melhor, protesta, reivindica isso ao mundo.

Embora a Revolta já seja apresentada n’*O mito de Sísifo*, é na sua obra *O homem revoltado* que ela vai ser abordada com maior profundidade. Nesse ensaio posterior, Camus (2011, p. 25) define o homem revoltado como alguém que diz não, um ser que recusa os excessos alheios que se intrometem no seu confuso direito que ele agora descobre, ao mesmo tempo que é alguém que diz sim, por determinar aquilo que ele aceita, que lhe é tolerável. Segundo Machado,

Ao negar sua situação, o homem depara-se com algo do qual não pode ser privado, algo que precisa afirmar. O rebelde descobre algo que está além da sua própria vida, que transcende sua situação e que precisa conservar. Se a revolta rejeita tudo aquilo que oprime, nega, avilta e instrumentaliza, ela o

faz no intuito de afirmar o valor e a dignidade do homem (MACHADO, 2010, p. 65).

Camus aponta dois tipos de revolta. A primeira delas, a revolta metafísica, “é o movimento pelo qual um homem se insurge contra a sua condição e contra a criação. Ela é metafísica porque contesta os fins do homem e da criação” (CAMUS, 2011, p. 39). Assim sendo, esse homem rebelde denuncia as injustiças do mundo, a contradição por ele vista, e protesta contra o sofrimento de viver e o morrer no desejo de instaurar um reino unitário de justiça.

Ainda que a vontade do homem revoltado seja uma reconstrução do mundo, ele já tem consciência de que não o conseguirá, visto que a sua ação é contra o absurdo, contra a condição intrínseca e imutável do homem. Logo, “mesmo que a revolta não solucione os problemas que naturalmente são revelados pela constatação do absurdo, ela, por sua vez, promoverá ao homem a noção de um novo valor” (AZEVEDO, 2017, p. 48).

Entretanto, ainda que essa revolta derive da experiência do absurdo, isso não significa dizer que ela ocorra somente entre os oprimidos; também pode nascer da identificação com o outro indivíduo a partir do olhar para o sofrimento alheio, evidenciando limites e valores que são comuns a todos. Esse sentimento, agora experimentado, a solidariedade, parte dessa luta coletiva contra as iniquidades presentes no mundo.

Se nessa revolta o homem passa a olhar para os outros e protestar a favor dos seus contra essa conjuntura absurda da vida, ele também procura pelo seu responsável. Posto isto, o homem dirige seus ataques ao Criador, que o obriga a existir nessa situação de angústia e desespero, e que não tem possibilidade de mudança. Dessa maneira, afirma Camus (2011, p. 41), o revoltado metafísico certamente não é ateu, como se poderia pensar, e sim, obrigatoriamente, blasfemo, pois denuncia Deus como o pai da morte e o supremo escândalo.

Sem a possibilidade de recorrer a Deus, cabe agora ao homem buscar, por suas próprias forças, as transformações exigidas pela sua consciência desperta. Essa segunda revolta, chamada de histórica, “é apenas a sequência lógica da revolta metafísica” (CAMUS, 2011, p. 131). Revoltado na ideia, o homem rebelde se empenha agora em agir. Assim, ele dedica-se à edificação de uma nova sociedade.

A rebelião humana acaba em revolução metafísica. Ela evolui do parecer para o fazer, [...]. Derrubado o trono de Deus, o rebelde reconhecerá essa justiça, essa ordem, essa unidade que em vão buscava no âmbito de sua condição, cabendo-lhe agora criá-las com as próprias mãos e, com isso, justificar a perda da autoridade divina (CAMUS, 2011, p. 41).

Entretanto, no decurso da história, Camus observa que a ação revoltada cometeu alguns desvios. À vista disso, ele logo procura diferenciar o que seria então a revolta da revolução.<sup>5</sup> A revolução se afasta e trai a revolta a partir do momento em que avulta um de seus ideais, colocando-o acima dos próprios valores assumidos pela revolta, e até mesmo acima do homem. Isso porque, na revolução, as verdades históricas são assumidas “religiosamente”, e são tomadas como algo absoluto e incontestável. Como acentua Judt,

Em *O homem revoltado*, Camus atacou o “historicismo” de seus contemporâneos — a invocação por eles da “História” para justificar seus próprios compromissos públicos e sua indiferença para com os custos humanos das escolhas políticas radicais. Mas, em contraste com outros críticos do marxismo contemporâneo, ele preferiu tratar isso como consequência de uma “divinização” da história, a tragédia de uma sociedade dessacralizada que fazia de si mesma um sucedâneo da religião e, portanto, um objeto de sua própria adoração (JUDT, 1998, l. 2).

Compreendidos esses elementos da revolta, temos agora uma última perspectiva sobre ela que deve ser dada pela arte, como considera o próprio autor. Pois, como indica Camus (2011, p. 291), “a criação é exigência de unidade e recusa do mundo. Mas ela recusa o mundo por causa daquilo que falta a ele e em nome daquilo que, às vezes, ele é. A revolta deixa-se observar aqui, fora da história, em estado puro, em sua complicação primitiva”. Assim, a arte complementa e dá condições para uma análise concreta da revolta.

Para Camus, somente a criação artística daria condições para que o homem pudesse sobreviver ao absurdo, pois ela é “a única oportunidade de manter sua consciência e de fixar suas aventuras” (CAMUS, 2020, p. 97). Destarte, revolta e arte se aproximam, ao buscar uma ordem e harmonia ao mundo que consiga fazer o homem suportar a opacidade na qual ele está inserido. Nesse sentido, esclarece Costa:

[...] a revolta, assim como a arte, torna-se fabricante de universo. A exigência da revolta é em parte uma exigência estética. Todas as revoltas aspiram, à sua maneira, uma necessidade de coerência e unidade. Este é também o movimento de todas as artes. O artista refaz o mundo por sua

---

<sup>5</sup> “A revolução é consensualmente tida como um movimento bem mais abrangente: não almeja simples reformas econômicas, mudanças políticas ou alterações nos hábitos e costumes, mas transformações que englobem o conjunto da organização social. Embora o termo tenha se vulgarizado, e hoje em dia se anuncie qualquer novo produto de consumo como revolucionário, ele mantém uma conotação extremamente positiva. Ao passo que a revolta é um testemunho obscuro, que não compromete razões nem sistemas, a revolução vem instaurar novos princípios. E, como tentativa de transformação global, supõe a supressão das particularidades. Contudo, vista do ângulo da experiência individual da revolta, a dimensão de totalidade que a revolução possui é bastante problemática, pois hipostasia o universal, desencarna o indivíduo e idealiza o homem. Camus observa que, enquanto a revolta nasce da experiência particular, a prática revolucionária - mesmo a que se pretende materialista - parte de uma ideia, a qual se procura concretizar” (OLIVEIRA, 1988, p. 91).

conta. O que Camus tenta nos mostrar com esse pensamento é que a partir da desordem natural do mundo, o artista é capaz de extrair os elementos necessários à satisfação do espírito humano [...] (COSTA, 2020, p. 52).

Dentre as manifestações da arte, o filósofo argelino destaca uma em especial e que lhe é muito cara: a literatura; mais especificamente, o romance<sup>6</sup>. Isso porque, para ele, o filósofo é uma espécie de criador, que tem seus símbolos e personagens próprios, assim também como o autor romanesco; uma vez que o romance também tem a sua lógica, os seus raciocínios, sua intuição, seus postulados e suas exigências de clareza.

Assim, Camus declara que os grandes romancistas são romancistas filósofos, pois optam por escrever com imagens, em vez de raciocínios, se utilizando de um instrumento (o romance) desse conhecimento tão relativo e ao mesmo tempo tão inesgotável, que possui um deslumbramento inicial e uma ruminação profunda (CAMUS, 2020, p. 103). Dentre o rol dos romancistas considerados filósofos por Camus, encontram-se nomes como Balzac, Sade, Melville, Stendhal, Proust, Maupassant, Kafka. Entre estes, destaca-se Fiódor Dostoiévski, que é utilizado pelo autor para fazer uma análise do absurdo a partir de Kirilov, personagem de *Os possessos*. Como afirma Camus (2020, p. 106), “todos os heróis de Dostoiévski se questionam sobre o sentido da vida”.

Diante de tais motivações, que levaram o absurdista a selecionar o autor russo em meio a tantos outros romancistas, utilizaremos duas obras de Dostoiévski para servirem de cenário no próximo capítulo, a fim de fazer uma análise dos conceitos de absurdo e revolta, e da opção pelo suicídio ou reestabelecimento frente a essas questões.

---

<sup>6</sup> O romance nasce ao mesmo tempo que o espírito de revolta, e traduz, no plano estético, a mesma ambição. (CAMUS, 2011, p. 297).

### 3 O DIVÓRCIO DA VIDA DENTRO DA LITERATURA DE DOSTOIÉVSKI A PARTIR DA ÓTICA CAMUSIANA

*“Depois de um fracasso, os planos mais elaborados parecem absurdos.”*

*(Fiódor Dostoiévski)*

Descrito por Berndt (1961, p. 53) como uma “personalidade humana e literária, inseparáveis em si”, Camus se destacou exatamente por fazer de seus escritos de literatura obras carregadas de um teor filosófico. Esta preferência pelo uso desse tipo de criação como ferramenta filosófica se dá pela limitação que a racionalidade tem diante da abstrusidade da existência. Assim,

A Arte, como observa Camus, assume uma forma muito particular de compreensão e entendimento, permitindo-nos, inclusive, afirmar que o pensamento racionalista, em seu exercício de compreensão da existência, em toda a sua plenitude e complexidade, é limitado. Frente à necessidade do pensamento racionalista em demonstrar, a partir de suas análises, que tudo está ao alcance da razão, observaremos que Camus utilizou-se exatamente da Arte para reafirmar os limites de tal pensamento, evidenciando de forma clara e contundente que os sentidos e as percepções que nos atingem por inúmeras vezes nos escapam, impedindo-nos de apreendê-los em essência. Para Camus, é preciso atestar os limites da razão, que em sua busca e exigência incansáveis tenta naturalmente tudo compreender, pois, ainda que assim o façam, observar-se-á que qualquer tentativa de compreensão cuja finalidade última seja extrair racionalmente um sentido à vida mostrar-se-á fadada ao fracasso (COSTA, 2020, p. 10).

Dentre todas as possibilidades da criação, é perceptível a predileção de Camus pelo romance. A ênfase no gênero romântico reflete algumas considerações levantadas pelo filósofo acerca das características que o texto romanesco contém e que o faz ser mais coerente e preciso do que outros escritos. Como o próprio autor considera, “a vantagem do romance sobre a poesia e o ensaio representa apenas, e apesar das aparências, uma maior intelectualização da arte. [...] O romance tem sua lógica, seus raciocínios, sua intuição e seus postulados. Tem também suas exigências de clareza” (CAMUS, 2020, p. 50).

Seguindo essa inclinação, também se utilizou de outros escritores para ratificar o seu pensamento, especialmente os romancistas. Um autor russo, em especial, ganha destaque na

obra de Camus: Fiódor Dostoiévski. Tamanha é a sua importância para Camus, que um dos capítulos d'*O mito de Sísifo* é dedicado a Kirilov, protagonista de *Os demônios*, célebre escrito do literato, isso porque, para Camus, “Dostoiévski amplia desmesuradamente o campo de atuação do pensamento revoltado” (CAMUS, 2011, p. 51).

Fiódor Dostoiévski foi um escritor, filósofo e jornalista do Império Russo. É considerado um dos maiores nomes da literatura, tendo um reconhecimento imediato logo após a publicação do seu primeiro romance, *Gente Pobre*, no ano de 1846. A sua produção bibliográfica é extensa, e conta com obras já sagradas mundialmente, como *Crime e Castigo*, de 1866; *Os demônios*, de 1872; e *Os irmãos Karamázov*, de 1881; sem contar novelas, contos e outros escritos.

Como jornalista, Dostoiévski sempre realçou temáticas sociais em suas obras, especialmente pelo contexto vivido por ele em uma São Petersburgo atravessada por transformações causadas pelas Reformas Gerais de 1861, que causaram grandes mudanças na sociedade russa, sobretudo com a passagem para o capitalismo. Toda essa conjuntura propiciou uma onda de suicídios que levantou o interesse do escritor russo, que considerava estas ações como “espécies de ‘mortes conscientes’, nas quais o homem torna-se capaz de se finalizar a partir de dentro” (NUCCI, 2013, p. 3). Utilizando desse devotamento à tanatografia de Dostoiévski, discorreremos sobre o suicídio e como essa questão é desenvolvida dentro de suas obras.

### 3.1 Dostoiévski e a morte voluntária como tema literário

Já é sabida a utilidade que a literatura tem na reflexão de determinados assuntos filosóficos. Nesse sentido, Camus apresenta o suicídio como um problema a ser tratado pela filosofia, logo, a literatura também serve de instrumento para esse estudo quando dialogada com ela. De acordo com Sartre e Ewald, conforme citado por Alvarenga,

“[...] a obra literária configura-se, por ser um produto humano no qual estão sedimentados os elementos histórico-objetivos de uma época, um potencial objeto de análise para apreendermos o movimento histórico acerca do fenômeno do suicídio, daquilo que dele se escolheu expressar e aquilo que resolveu se esconder, omitir” (SARTRE, 1974/2004; EWALD, 2005 *apud* ALVARENGA, 2015, p. 13).

Assim, retomar Dostoiévski para essa investigação sobre o suicídio tem grande valia por muitos motivos, como o seu caráter fluido e premonitório. Entretanto, a sua grande

contribuição para essa análise se dá na criação de um tipo de romance: o polifônico. Segundo Chaves, o romance polifônico é:

[...] um método narrativo no qual a visão do autor não se funde com a dos personagens, cujo resultado é o retrato de homens autônomos em constante processo de autorreflexão. Os heróis dostoiévskianos são dotados de liberdade. São sujeitos ideólogos: a fala de um nunca perde de vista a resposta do outro, num processo conhecido como dialógico (CHAVES, 2015, p. 10).

Nesse sentido, os escritos romanescos do autor russo se distinguem dos demais, exatamente por dar às personagens uma autonomia que reflete a possibilidade de escolha que os homens têm. Logo, o romance acaba se tornando outro universo, onde as ações humanas encontram expressão nas atitudes das personagens, dos heróis dostoiévskianos,

Pois se trata exatamente do mesmo mundo, do mesmo sofrimento, das mesmas mentiras e dos mesmos amores. Os heróis se utilizam da nossa linguagem e demonstram nossas forças e nossas fraquezas. [...] A diferença é que os "heróis" desse "universo paralelo" seguem até o fim seu destino, vão ao extremo de suas paixões, e é justo aí que perdemos sua medida, pois eles terminam aquilo que nós nunca consumamos (COSTA, 2020, p. 55).

Assim, a antologia de Dostoiévski se configura como um pensamento “subterrâneo”, já que construção do seu arcabouço literário é marcada pela presença de personagens subterrâneas, ou homens do subsolo, sujeitos que representam a visão ideológica da presença do ser humano no mundo em razão da sua capacidade inata de pensar e que em suas reflexões fazem um mergulho interno por via do discurso, e também por ele externalizam as suas respostas da consciência (VARGAS, 2016).

Camus apresenta a questão do suicídio em Dostoiévski como uma temática absurda, isso porque a maioria dos homens subterrâneos também encarnam temas absurdos, e consequentemente a revolta (CAMUS, 2020, p. 109). Essa absurdidade é revelada à medida que se percebe que suas personagens refletem a realidade vivida pela sociedade de seu tempo. Como afirma Lukács, citado por Chaves,

os personagens de Dostoiévski percorrem com dignidade a estrada socialmente necessária da autoflagelação. A maneira como se desintegram e como se destroem constitui o mais ardente protesto até então pronunciado contra a ordem social da época (LUKÁCS, 1968, p. 171 *apud* CHAVES, 2015, p. 37).

Dentro dos escritos de Dostoiévski, existem várias personagens que cometem suicídio, sendo homens, mulheres, crianças e jovens. Entretanto, essas mortes não representam um recurso estilístico para a retirada de atores do enredo ou simples apelo emocional. Na narrativa do literato russo, essa ação “frequentemente trata-se da aplicação de alguma teoria ou argumento ético ou filosófico de algum personagem. Pode ser praticado como expressão do livre-arbítrio, revolta ou vingança, mas quase nunca é sinal de remorso” (CHAVES, 2015, p. 41).

Assim, dentro da relação de obras dostoiévskianas pode se encontrar vários heróis que pensam no suicídio, tentam cometê-lo ou até mesmo conseguem executar tal ação.<sup>7</sup> No romance *Os irmãos Karamázov* (1880), uma das personagens, Smierdiákov, confessa ter roubado e assassinado Fiódor Karamázov, e por isso decide se matar. Já em *Crime e Castigo*, Svidrigáilov atira contra a sua própria cabeça, após assediar e ameaçar Dounia, um amor não correspondido com o qual ele tenta se casar.

Em *Os demônios*, temos quatro mortes voluntárias que se desenvolvem ao longo da trama de maneiras e por motivações diferentes. Primeiramente, um rapaz desconhecido, que deva ter por volta de 19 anos, se suicida após despender toda a poupança da sua família, quando deveria comprar o enxoval da irmã. No romance também aparece o suicídio de uma criança, Matriócha, filha dos inquilinos de um apartamento onde o protagonista da narrativa, Stavróguin, já havia morado em outro momento. Abusada sexualmente por ele, Matriócha acaba se enforcando e Stavróguin, não suportando a lembrança da garota e a gravidade do ato cometido, acaba cometendo a mesma atitude.

O suicídio de Kirilov, personagem utilizado por Camus em seu ensaio, está presente nessa obra também. Atirando contra a própria cabeça, Kirilov se mata por tanto refletir acerca de Deus e da sua necessidade em vista de sua impossibilidade, tornando-se assim um partidário do suicídio lógico. Como o próprio Camus afirma,

O engenheiro Kirilov declara em algum lugar que quer sair da vida porque "esta é sua ideia". [...] E com uma ideia, um pensamento que ele se prepara para a morte. E o suicídio superior. Progressivamente, ao longo das cenas em que a personalidade de Kirilov pouco a pouco se ilumina, o pensamento mortal que o anima nos é revelado. [...] Sente que Deus é necessário e que é preciso que exista. Mas sabe que não existe, nem pode existir. [...] Tal

<sup>7</sup> Considerem-se aqui outras “vivências” do suicídio que Dostoiévski apresenta em suas obras. Em *O eterno marido* (1870), Páviel Pávlovitch tenta se enforcar na frente de sua filha, Lisa. Questionado depois sobre sua atitude, o homem parte para fora da cidade, como um tipo de suicídio social. Já em *Memórias do subsolo* (1864), temos um narrador que vive funestamente em um estado de hiperconsciência, e por isso é tomado de questionamentos que confrontam a Deus e a vida, fazendo que ele se retire do mundo e se volte para o seu interior, como um suicídio espiritual.

atitude provoca igualmente nele algumas consequências absurdas. Por indiferença, aceita que seu suicídio seja usado em proveito de uma causa que despreza. [...] Prepara enfim seu gesto com um sentimento mesclado de revolta e de liberdade. [...] Não se trata mais de vingança e sim de revolta. Kirilov é, então, um personagem absurdo [...] (CAMUS, 2020, p. 107).

Desse conjunto de produções tanatográficas, *A dócil* (1876) e *O sonho de um homem ridículo* (1877) serão tomadas como cenário para uma reflexão sobre os conceitos camusianos e a questão do suicídio. Essas obras receberam de Dostoiévski o subtítulo de “narrativas fantásticas”, e foram publicadas na revista mensal do autor russo, o *Diário de um Escritor*. Como indica Vadim Nikitin (*apud* DOSTOIÉVSKI, 2017, p. 7), que traduziu e escreveu o prefácio da obra, essas duas novelas “nasceram, portanto, da combinação tensa entre o narrador e o jornalista na obra de um homem decidido a investigar a eternidade com os olhos postos na urgência do dia”.

A partir dessas novelas, faremos então uma ilustração acerca do absurdo e da revolta, e das respostas dadas à absurdidade que são relatadas em cada uma, pois nos dois contos, as resoluções que Camus indicou aparecem assumidas pelas personagens. Assim, em *A dócil*, encontramos uma jovem moça que diante de sua vida pequena e resignada, suicida-se, enquanto em *O sonho de um homem ridículo*, nós nos deparamos com um narrador que deseja se matar, mas muda radicalmente de opinião após um sonho, se reestabelece e anseia viver plenamente agora.

### 3.2 O suicídio como resposta ao absurdo na obra *A dócil*

O estímulo primeiro para a escrita de *A dócil* está no caso do suicídio registrado pelo jornal *O Novo Tempo*, de uma jovem costureira, Maria Boríssovna, que viera de Moscou para São Petersburgo. Sem muitas opções diante da sua situação de miséria, ela se joga do quarto andar agarrada a um ícone da Virgem Maria. Segundo Nikitin, “a relação entre a suicida e o ícone obsedou a Dostoiévski, de modo que dois meses depois surgiu a sua novela” (NIKITIN *apud* DOSTOIÉVSKI, 2017, p. 7).

Em *A dócil*, encontramos como narrador um homem de meia idade, de origem nobre, que perde a sua patente de militar sob a acusação de covardia; e por isso torna-se o dono da casa de penhores. Para salvar uma jovem de 16 anos – a nossa criatura dócil - da miséria e dos maus tratos familiares, o narrador casa-se com ela. Entretanto, o que deveria ser um feliz enredo romanesco, acaba por tornar-se uma história trágica de crueldade moral e violência psíquica, que culmina com o suicídio da moça.

Diferentemente de suas outras obras, nesta, em especial, o herói dostoievskiano não conta apenas a sua história. Aqui, ele tenta compreender a outra parte – seu cônjuge, que afetada pelas ações dele, se mata. Assim, o narrador discursa buscando motivos para tal decisão. Como realça Vargas:

A obra é dividida em duas partes, ambas destinadas a ligar os pontos do evento ocorrido, concentrando-se – partindo e afastando-se – num tema único que a permeia. Desde as primeiras palavras do narrador, já sabemos o que aconteceu, o suicídio da mulher, e o que está acontecendo, o desespero do homem que mergulha na própria alma para tentar compreender as intenções do ato final da esposa (VARGAS, 2016, p. 37).

Órfã dos pais, há três anos já morava com duas tias, descritas como sórdidas, em um verdadeiro “regime de servidão”. A vivência absurda e maquinal da jovem é observada pela sua rotina sofrida e repetitiva. Como descreve o narrador, ela “dava aulas para os filhos das tias, costurava a roupa, e no final, não só lavava a roupa, mas também, com aqueles seus pulmões, lavava o chão. Sem mais nem menos até batiam nela, jogavam-lhe na cara o pão de cada dia” (DOSTOIÉVSKI, 2017, p. 30).

O seu comportamento revela uma adolescente submissa e serviçal, incapaz de confrontar alguém, sejam as suas tias, ou o dono da loja de penhores, na intenção de conseguir alguns trocados a mais por suas peças. Prestativa e subordinada, até mesmo em favor dos demais, ela aceita casar-se com o dono da loja de penhores, ainda que o conhecesse somente pelas poucas palavras trocadas nas relações de negócios. Atitude tomada no portão de casa, em alguns instantes, que leva até o dono da loja de penhores a pensar que ela diz sim pela falta de melhores escolhas para sua vida, já que planejavam “vendê-la” a um merceeiro gordo da região.

Sabem, quando ela estava parada ali no portão toda pensativa para me dizer sim, enquanto eu me espantava, sabem que ela poderia ter tido até mesmo o seguinte pensamento: "Se a desgraça está aqui e lá, não é melhor escolher logo o pior, isto é, o merceeiro gordo, que me mate o mais depressa possível, morto de bêbado!". Hein? O que os senhores acham, poderia haver um pensamento assim? Só que mesmo agora não entendo, mesmo agora não entendo nada! Acabei de dizer que ela poderia ter tido esse pensamento: entre as duas desgraças, escolher a pior, isto é, o comerciante? Então quem era para ela o pior - eu ou o comerciante? (DOSTOIÉVSKI, 2017, p. 34).

Entretanto, ao longo da novela, as verdadeiras intenções do marido vão sendo descobertas e as suas ações vão desvelando um homem violento e rude. Como ele mesmo

mostra, a sua resposta aos sinais de amor e acolhida da menina era a frieza e o silêncio, já que o seu sistema criado dentro de casa se baseava, em primeiro lugar, na severidade (DOSTOIÉVSKI, 2017, p. 36). O que era então um ato nobre de amor e compaixão, demonstra-se agora uma oportunidade do dono da loja de penhores de salvar-se de uma existência desagradável através da dominação da jovem. Assim confirma Vargas:

Na nossa narrativa, o homem vai colocando-se como um ser cruel frente à menina, que é dita frágil, envergonhada, inferior a ele em aspectos financeiros e morais. Ele procurava, a ela, parecer como alguém que tinha certa cultura e dinheiro, colocando-a numa posição desconfortável e marginal, como que a lembrar que ela era uma pessoa tão miserável que poderia fazer qualquer coisa para sair da pobreza, num gesto de rebaixamento moral e de domesticação (VARGAS, 2016, p. 39).

Dessarte, o casamento, que deveria ser uma forma de libertação da jovem, acaba então, transformando-se em seu retorno a uma condição absurda, definida pela cotidianidade dos maus-tratos cometidos pelo marido que, como indica Vargas (2016, p. 41), “percebia que ela não estava escolhendo uma vida necessariamente melhor ou uma forma de libertar-se da sobrevivência indigna, mas uma forma diferente de prisão, frente às imposições que ele colocou já de início”.

Sendo a liberdade uma das consequências próprias do absurdo<sup>8</sup>, esse cerceamento da liberdade da nossa jovem acarreta em mais uma dificuldade em sua vivência absurda. Dessa forma, destaca Camus (2020, p. 22), “se o absurdo aniquila todas as minhas possibilidades de liberdade eterna, também me devolve e exalta, pelo contrário, minha liberdade de ação.”<sup>9</sup> Tal privação de esperança e de futuro significa um crescimento na disponibilidade do homem”. Logo, essa vida tolhida e controlada pelo marido acaba por ser um demasiado problema à nossa criatura dócil, que reclamando por liberdade sai do seu próprio seio familiar, mas não a encontra em seu novo lar.

Aos poucos, a indiferença torna-se um elemento constitutivo da relação dos dois, e o silêncio os distancia ainda mais, tornando cada vez mais insustentável esse relacionamento, conquanto, essa não fosse uma decisão propriamente da jovem, mas sim uma afirmação do

---

<sup>8</sup> “Extraio então do absurdo três consequências que são minha revolta, minha liberdade e minha paixão” (CAMUS, 2020, p. 68).

<sup>9</sup> “A noção de liberdade que acompanha a revolta, enquanto resposta à absurdidade da existência, não se trata de uma liberdade metafísica, pois, ao assumir todas as consequências que a revolta acarreta, elimina-se no sujeito toda e qualquer possibilidade de uma esperança. pautada na eternidade, de modo que, o revoltado não reconhece mais a existência de uma hierarquia, já não há mais para ele nenhum ser superior. Dessa maneira, a liberdade que se expressará a partir do momento em que o homem assume o absurdo será a liberdade da ação” (AZEVEDO, 2017, p. 49).

marido, que entendia como necessário essa atitude para corrigir a moça dócil de seus arroubos e histerias.

Por que, por que desde o começo entramos a ficar calados? Pois no começo não havia brigas, mas também havia silêncio. Ela então, eu me lembro, sempre arranjava um jeito de me lançar um olhar de soslaio; assim que notei isso, só redobrei o silêncio. É verdade, fui eu que insisti no silêncio, e não ela (DOSTOIÉVSKI, 2017, p. 42).

Tem-se, a partir desse distanciamento, uma mudança de comportamento da menina, que cada vez mais contida e rechaçada pelo narrador passa a tomar atitudes rebeldes, “e cada vez mais e mais um ar de atrevimento da sua parte. *Revolta e independência*” (DOSTOIÉVSKI, 2017, p. 42, grifo nosso). Tamanhas transformações chegam a tal ponto, que a criatura dócil é vista com um caráter completamente avesso ao seu: rebelde, agressiva, indisciplinada e à procura de desassossego.

Embora teoricamente, demonstre-se que após a tomada de consciência, o revoltado não aceite mais o suicídio e prime agora pela sua existência, podemos perceber na jovem moça traços de sua rebeldia, mesmo que já saibamos que em um determinado momento ela optará por não mais viver. Assim, da mesma forma como imaginamos um Sísifo, que todo dia, a cada vez que volta à base da montanha, também deve optar novamente pela sua revolta<sup>10</sup>, podemos entender que em um momento, a nossa dócil não mais se decidirá pela rebeldia de viver.

Nesse sentido, já considera Machado (2010, p. 39) de que conscientes do absurdo, o que nos era familiar, torna-se ignoto, e aquilo que dávamos valor já não tem mais importância; as pessoas que nos eram próximas, apresentam-se agora de um modo inédito e estranho. A nossa jovem, portanto, retrata essa transformação não somente extrínseca, mas também intrínseca, provocada pela lucidez com que se encara o mundo deste ponto em diante.

Ocorre que a esposa agora, numa tentativa de vingar-se do marido, revolta-se mais ainda e passa a intrometer-se nos assuntos da loja, soltando dinheiro como bem entendia e avaliando os objetos acima do seu valor. Ademais, ela passa a dialogar com um oficial que muito dificultou as coisas para o narrador e participou de sua expulsão do regimento, marcando até mesmo um encontro com ele. O marido, desconfiado, vigia a nossa criatura dócil e segue-a, armado com um revólver. Após interromper o encontro, o narrador traz de volta a moça para casa, em absoluto silêncio.

---

<sup>10</sup> “Deixo Sísifo na base da montanha! *As pessoas sempre reencontram seu fardo*. Mas Sísifo ensina a fidelidade superior que nega os deuses e ergue as rochas” (CAMUS, 2020, p. 124, grifo nosso).

A revolta da jovem dócil diante dos fatos supracitados certamente encontra a sua expressão máxima quando, em uma manhã, ela aponta o revólver para o seu marido, que ainda deitado já acompanhava a sua ação a poucos momentos antes. Como descreve o próprio narrador:

Acordei de manhã, creio eu, pelas sete horas, e o quarto já estava quase todo claro. Acordei de vez com plena consciência e súbito abri os olhos. Ela estava em pé junto da mesa e segurava nas mãos o revólver. Não via que eu tinha acordado e vigiava. E de repente vejo que ela começa a avançar na minha direção com o revólver nas mãos. Fechei depressa os olhos e fingi que dormia profundamente. Ela chegou até a cama e se inclinou sobre mim. Eu ou via tudo; embora houvesse um silêncio mortal, eu ouvia esse silêncio. Nisso ocorreu um movimento convulsivo - e de repente, sem conseguir me conter, abri os olhos contra a vontade. Ela olhava para mim, bem nos meus olhos, e o revólver já estava na minha têmpora. Os nossos olhos se encontraram. Mas nós olhamos um para o outro não mais do que um instante. Tornei a fechar os olhos a custo, e naquele mesmo instante decidi com toda a força da minha alma que já não me mexeria e não abriria um olho, não importando o que estivesse à minha espera (DOSTOIÉVSKI, 2017, p. 55).

Após esse ato, o dono da loja de penhores coloca uma cama na sala e cerca-a com um biombo, e mesmo sem dizer nada a sua esposa, ela entende esse gesto e passou a dormir em seu novo espaço. No entanto, durante a noite ela cai em delírio e passa seis semanas adoentada. Em sua nova cama, diz Vargas (2016, p. 44), “é como se estivesse isolada em sua própria consciência, na certeza de sua situação social imutável, [...] sendo esta a primeira catástrofe apontada na obra, pois a jovem dava-se como vencida pelas circunstâncias”.

Já não suportando mais essa relação de menosprezo e dominação vivenciada dia a dia, observa-se que a moça, agora enfraquecida por tamanhas lidas, não consegue mais rebelar-se. Se o casamento se apresentava como a solução de seus revezes, ela passa a conviver com a frustração de um relacionamento que não a libertou de uma situação de sofrimento. Nesse sentido, destaca Camus (2020, p. 123), “quando o chamado da felicidade torna-se premente demais, então a tristeza se ergue no coração do homem: é a vitória da rocha<sup>11</sup>, é a própria rocha. O desespero imenso é coisa pesada demais para se carregar”.

Durante o período de convalescença de sua esposa, o narrador, tomado pelo medo de perdê-la, trata-a com todo o esmero e confia o seu passado e seus futuros planos, esperando a sua aceitação. Todavia, com esse cuidado dispensado à moça, ela acaba por

---

<sup>11</sup> Alusão ao mito de Sísifo.

indignar-se consigo mesma, diante dos seus atos pregressos, e tomada por seu arrependimento se retrata diante de seu marido.

Mas de repente ela se aproxima de mim, para sozinha na minha frente e, de mãos postas (agora mesmo, agora mesmo!), começa a me dizer que ela é uma criminosa, que ela sabe disso, que o seu crime a tinha tortura do durante todo o inverno, e ainda agora a torturava... que ela preza demais a minha generosidade... "eu vou ser a sua fiel esposa, vou respeitar o senhor..." (DOSTOIÉVSKI, 2017, p. 81).

Isto posto, verifica-se que tanto absurdo como revolta tem seus resultados e impactos na ação do indivíduo. Assim, as atitudes revoltadas da jovem – como o encontro com o oficial, a intromissão nos assuntos da loja de penhores, e principalmente, apontar o revólver para o marido - trazem-na essa compunção agora experimentada e que é fruto do absurdo que traz à tona a consciência e a revolta, mas que também imputa cada indivíduo uma responsabilidade frente as suas escolhas. Isso porque ele [o absurdo] “não autoriza todos os atos. Tudo é permitido não significa que nada é proibido. O absurdo apenas dá um equivalente às consequências de seus atos. Não recomenda o crime, seria pueril, mas restitui sua inutilidade ao remorso” (CAMUS, 2020, p. 74).

Num cenário que aparentemente se encaminhava para a reconstrução do casamento e a possibilidade de um ledor desfecho, tem-se então uma atitude inesperada: o suicídio da moça dócil. O narrador, que havia saído a poucas horas antes, se culpa por não ter chegado ao menos “cinco minutos mais cedo”, supondo que poderia ter feito algo que a impedisse de tal ação. Porém, o marido não compreende que a motivação desse ato era exatamente “a resignação da jovem perante ele e a vida, um estado de inércia de quem não vê no mundo uma satisfação para viver” (VARGAS, 2016, p. 47).

Assim, após tantas vivências, indo do absurdo à revolta, a moça opta agora por dar fim à própria vida. Ela já não escolhe mais lutar, rebelar-se contra a sua situação, mas sim findar a aflição vivida rotineiramente. Só lhe resta agora confessar a insignificância de sua existência diante da falta de sentido e motivação sincera para continuar vivendo e sofrendo. Como Camus relata,

Matar-se, em certo sentido, e como no melodrama, é confessar. Confessar que fomos superados pela vida ou que não a entendemos. [...] Trata-se apenas de confessar que isso "não vale a pena". Viver, naturalmente, nunca é fácil. Continuamos fazendo os gestos que a existência impõe muitos motivos, o primeiro dos quais é o costume. Morrer por vontade própria supõe que se reconheceu, mesmo instintivamente, o caráter ridículo desse

costume, a ausência de qualquer motivo profundo para viver, o caráter insensato da agitação cotidiana e a inutilidade do sofrimento (CAMUS, 2020, p. 21).

Tendo analisado a novela *A dócil*, a vivência do absurdo experimentada pela jovem moça e as suas atitudes durante esse ínterim, e a automorte como sua resposta final perante a desproporção do mundo, iremos examinar agora outra obra de Dostoiévski, *O sonho de um homem ridículo*, onde o protagonista responde ao problema do absurdo com o seu reestabelecimento.

### 3.3 O reestabelecimento como resposta ao absurdo na obra *O sonho de um homem ridículo*

Publicado em 1877, no contexto da Guerra Russo-Turca, *O sonho de um homem ridículo* descreve uma utopia social, questão constante nos escritos de Dostoiévski. Com duras críticas a determinadas correntes filosóficas do século XIX advindas do Ocidente, como o niilismo e o ateísmo, também encontramos no texto elementos que consolidam a utopia como gênero literário.

Embora a narrativa concentre o seu foco em uma perspectiva soteriológica cristã<sup>12</sup>, abrindo caminhos para a esperança e a religiosidade, trataremos e trataremos aspectos imanentes da experiência retratada no texto, uma vez que a construção e as ações exigidas pelo seu sonho partiram de sua vivência e dela necessitam para serem realizadas.

Nesse conto nos deparamos com outro narrador, que se autointitula como “ridículo”, por ter demorado tanto tempo em reconhecer a verdade. A personagem se identifica assim desde a sua infância, sendo que quanto mais ele estudava, mais tinha a certeza dessa qualidade que ele próprio se atribuía.

Sempre fui ridículo, e sei disso, talvez, desde que nasci. Talvez desde os sete anos já soubesse que sou ridículo. Depois fui para a escola, de pois para a universidade, e ora - quanto mais estudava, mais aprendia que sou ridículo. De modo que todos os meus estudos universitários como que só existiram, afinal, para me provar e me explicar, à medida que neles me aprofundava, que sou ridículo (DOSTOIÉVSKI, 2017, p. 91).

---

<sup>12</sup> “No conto, é possível perceber a sobreposição da trajetória do personagem-narrador e da vida de Cristo em alguns aspectos: o drama de seu suicídio transforma-se em estopim para sua salvação, afinal sob uma lógica cristã, não haveria revelação sem calvário, nem ressurreição sem morte” (NUCCI, 2013, p. 6).

Nesta lógica, acrescenta Camus (2020, p. 33), que “a inteligência também me diz, à sua maneira particular, que este mundo é absurdo.” Assim, podemos entender que esse caráter ridículo que o narrador se impõe é fruto dessa consciência de que, mesmo depois de tanto estudo, as coisas não lhe têm sentido, e a sua única convicção é “de que no mundo, em qualquer canto, tudo tanto faz” (DOSTOIÉVSKI, 2017, p. 92).

Cada vez mais ciente dessa condição, o homem ridículo vive a indiferença e a apatia. Não existe mais uma motivação séria para viver, uma vez que nem no presente e nem no futuro apresentam mais nexos, decorrência do absurdo percebido e que esclarece o seguinte ponto: não há amanhã (CAMUS, 2020, p. 63). Assim, tanto o “eu” como o “outro” perdem valor, tornam-se insignificantes.

Senti de repente que para mim dava no mesmo que existisse um mundo ou que nada houvesse em lugar nenhum. Passei a perceber e a sentir com todo o meu ser que diante de mim não havia nada. [...] Pouco a pouco me convenci de que também não vai haver nada jamais. Então de repente parei de me zangar com as pessoas e passei a quase nem notá-las. De fato, isso se manifestava até nas mínimas ninharias: estou, por exemplo, andando na rua e vou dando encontrões nas pessoas. E não era por andar mergulhado em pensamentos: sobre aquilo que eu tinha para pensar, já então cessara completamente de pensar - tudo me era indiferente (DOSTOIÉVSKI, 2017, p. 92).

Diante desse contexto, o narrador compra um revólver planejando ceifar a própria vida. Percebe-se que há, nesse primeiro momento, uma escolha já feita frente à absurdidade vivida: o suicídio. Não suportando a consciência do seu ser ridículo, o próprio narrador assume preferir se matar do que confessar que é ridículo, que não entende e nem reconhece um sentido para a sua existência.<sup>13</sup>

Após dois meses já tendo a arma, pensando em se matar cada vez que retornava para casa, ele decide que em uma determinada noite se suicidaria. Entretanto, no seu trajeto de volta para esse fatídico momento, o protagonista é interpelado na rua por uma menina maltrapida, que desesperada e tremendo de frio clamava ajuda para a sua mãe, ainda que não conseguisse pronunciar bem as palavras. Contudo, o homem ridículo a enxota e segue seu caminho, na intenção de concluir o seu desígnio mortal.

Já em seu cômodo, senta-se então à mesa com o revólver à mão, mas afetado pela lembrança da menina, reluta e levanta questões acerca do ato que deseja realizar, uma vez que

---

<sup>13</sup> “Esse orgulho cresceu em mim ao longo dos anos, e se acontecesse de me deixar confessar, diante de quem quer que fosse, que sou ridículo, creio que imediatamente, na mesma noite, estouraria os miolos com um revólver” (DOSTOIÉVSKI, 2017, p. 92).

não se sente mais impassível com a situação da criança. Excluída a indiferença, que conduzia a sua vida a uma escolha letal, matar-se agora não é uma decisão coerente, visto que ao narrador a vida e o mundo agora dependiam dele.

Mas se eu vou me matar, por exemplo, daqui a duas horas, então o que é que me importa a menina e o que é que tenho a ver com a vergonha e com o resto do mundo? Eu me transformo num nada, num nada absoluto. E será que a consciência de que nesse instante eu vou deixar de existir completamente, e que portanto nada mais vai existir também, não poderia ter a mínima influência nem no sentimento de pena pela menina, nem no sentimento de vergonha depois da baixeza cometida? (DOSTOIÉVSKI, 2017, p. 100).

De modo misterioso e incomum, o homem adormece e é transportado ao seu sonho. Em sua ilusão, ele atira contra o seu coração e consegue aniquilar-se. Após visualizar o seu funeral, o homem ridículo é retirado do caixão e levado por uma criatura desconhecida à um planeta que muito se assemelha à Terra. Vê-se num lugar de beleza indescritível, onde as pessoas levam uma vida plena e feliz em comunidade.

Os habitantes deste novo planeta se distinguiam dos demais por desconsiderarem a necessidade de compreender o mundo em sua inteireza, como deseja a ciência. Assim, não vivem, como diz Camus (2020, p. 31), a defasagem constante entre aquilo que se imagina saber e aquilo que realmente se sabe, a aceitação prática e a ignorância simulada que faz com que vivamos com ideias que se, sentíssemos de verdade, deveriam transtornar as nossas vidas.

Eles não desejavam nada e eram serenos, não ansiavam pelo conhecimento da vida como nós ansiamos por tomar consciência dela, porque a sua vida era plena. Mas a sua sabedoria era mais profunda e mais elevada que a da nossa ciência; uma vez que a nossa ciência busca explicar o que é a vida, ela mesma anseia por tomar consciência da vida para ensinar os outros a viver; ao passo que eles, mesmo sem ciência, sabiam como viver, e isso eu entendi, mas não conseguia entender a sua sabedoria (DOSTOIÉVSKI, 2017, p. 111).

Ademais, a relação de benquerença construída pelos indivíduos dessa nova terra ratifica a sabedoria vivenciada por todos, já que, como afirma Oliveira (1988, p. 63), a amizade, como aproximação carnal ou ainda como imagem viva da afeição, desempenha um papel vital no esforço de manter a lucidez diante do absurdo da vida, afugentando o cansaço. Assim, esse vínculo de amor experimentado em comunidade constitui elemento indispensável para uma vida completa e feliz. Tal era a intensidade dessa ligação, que ela permanecia como que inatingível para o homem ridículo.

Nunca vi dor nem lágrimas nessas ocasiões, havia apenas um amor multiplicado como que até o êxtase, mas um êxtase calmo, pleno, contemplativo. [...] Era uma espécie de amorosidade uns pelos outros, total, universal. [...] Mesmo entendendo as palavras, jamais conseguia penetrar-lhes o significado. Permaneciam como que inacessíveis à minha razão, mas em troca o meu coração como que se compenetrava delas inconscientemente cada vez mais e mais (DOSTOIÉVSKI, 2017, p. 113-114).

Contudo, os homens desse novo mundo foram pervertidos pelo homem ridículo, como ele mesmo confessa.<sup>14</sup> Assim, eles conhecem o pecado, abandonam o amor mútuo, tornam-se maus. Agora adeptos da ciência, esquecem a sua sabedoria e menosprezam o sentimento e à consciência de vida.<sup>15</sup> Cada vez mais cientes de sua individualidade, aprovam a escravidão e iniciam guerras.<sup>16</sup> Na esperança de obter posse de tudo, agem de maneira injusta, e caso não conseguissem alcançar seus objetivos, renunciam a sua fidelidade à vida, e aceitam o suicídio.<sup>17</sup>

Afetado por tamanha culpa, o homem ridículo deseja sacrificar a própria vida, mas, diferentemente da primeira vez, como Machado (2010, p. 64) explica, “o fato do revoltado arriscar sua própria vida não apenas proporciona a revolta a sua pureza, mas também sua legitimidade”.

Estendia-lhes os braços, me culpando, me amaldiçoando e me desprezando em desespero. Dizia-lhes que eu é que tinha feito tudo isso, só eu; eu é que lhes tinha trazido a perversão, a doença e a mentira! Implorava-lhes que me pegassem numa cruz, ensinava-lhes como se faz uma cruz. Eu não conseguia, não tinha forças para me matar sozinho, mas queria tomar deles os suplícios, estava sedento de suplícios, sedento de que nesses suplícios o meu sangue fosse derramado até a última gota (DOSTOIÉVSKI, 2017, p. 120).

---

<sup>14</sup> “Sim, sim, o resultado foi que eu perverti todos eles! Como uma triquina nojenta, como um átomo de peste infestando um Estado inteiro, assim também eu infestei com a minha presença essa Terra que antes de mim era feliz e não conhecia o pecado. Eles aprenderam a mentir e tomaram amor pela mentira e conheceram a beleza da mentira. Ah, isso talvez tenha começado *inocentemente*, por brincadeira, por coquetismo por um jogo amoroso, na verdade, talvez, por um átomo, mas esse átomo de mentira penetrou nos seus corações e lhes agradou. Depois rapidamente nasceu a volúpia, a volúpia gerou o ciúme, o ciúme - a crueldade...” (DOSTOIÉVSKI, 2017, p. 117, grifo do autor).

<sup>15</sup> “Mas temos a ciência, e por meio dela encontraremos de novo a verdade, mas dessa vez a usaremos conscientemente, o entendimento é superior ao sentimento, a consciência da vida, superior à vida” (Ibid, p. 118).

<sup>16</sup> “Surgiu a escravidão, surgiu até a escravidão voluntária: os fracos se submetiam de bom grado aos mais fortes, apenas para que estes os ajudassem a esmagar os que eram ainda mais fracos que eles mesmos. [...] Em compensação, surgiram pessoas que começaram a imaginar: como fazer com que todos se unam de novo, de modo que cada um, sem deixar de amar a si mesmo mais do que aos outros, ao mesmo tempo não perturbe ninguém, e possam viver assim todos juntos como que numa sociedade cordata. Desencadearam-se guerras inteiras por causa dessa ideia” (Ibid, p. 119).

<sup>17</sup> “Para tomar posse de tudo, recorria-se à canalhice, e se esta fracassasse – ao suicídio” (Ibid, p. 120).

No auge de sua dor e sentindo a morte próxima, o homem ridículo acorda de seu sonho. Todavia, a sua vontade nesse momento é o de pregar a verdade que ele encontrou. Passa a viver imbuído pelo espírito de solidariedade, que como indica Machado (2010, p. 69), é a “superação” da solidão, do egoísmo e do isolamento, já que o homem revoltado torna-se consciente de que não está só, de que há outra consciência revoltada e que ela deve ser considerada, respeitada em suas ações, solidarizando-nos em nossa condição e em nossa luta contra o mal.

Feitas tais considerações acerca das respostas que cada personagem dá ao seu confronto com o absurdo, temos agora condições de compreender melhor o posicionamento de Albert Camus diante do fenômeno do suicídio e qual o julgamento que ele acredite ser correto para a vida.

## 4 O JULGAMENTO CORRETO DA VIDA PARA CAMUS

*“A grandeza do homem consiste na sua decisão de ser mais forte que a condição humana.”*

*(Albert Camus)*

A problemática do suicídio e o do julgamento da vida é uma questão que vem sendo desenvolvida desde a Antiguidade, ainda que em dimensões diferentes. Muitas são as posições que foram estabelecidas, mas, conforme Gondim e Martins (2021, p. 88), as principais interpretações do fenômeno do suicídio ao longo da história da cultura ocidental – e não apenas da tradição filosófica, podem ser agrupadas em quatro grandes momentos: O paradigma da “morte feliz” da Antiguidade; a criminalização teológico-cristã da Idade Média; a autonomia racional do sujeito e a maximização da liberdade individual da Modernidade e, por fim; a descoberta do inconsciente pela psicanálise, que desconstrói a autoridade do sujeito racional sobre seus próprios atos, revelando as estruturas inconscientes capazes de engendrar o desejo de pôr fim à vida, até então desconhecidas pela ciência e pela filosofia.

Ainda que dentro do período moderno, Camus diverge da postura de seus contemporâneos, como Schopenhauer o fizera no século XIX, a quem ele cita em *O mito de Sísifo*<sup>18</sup>, de considerar o autoextermínio como uma atitude que expressa a liberdade máxima do homem, já que para ele “é lugar-comum comparar as teorias filosóficas com o comportamento daqueles que as professam. Mas é preciso dizer que entre os pensadores que negaram um sentido à vida, nenhum, [...], levou sua lógica ao ponto de rejeitar esta vida” (CAMUS, 2020, p. 22).

Nesse sentido, abordaremos qual o posicionamento de Camus face à questão do suicídio, seguindo, em um primeiro momento, as ilustrações elaboradas pelas narrativas de Dostoiévski acerca das respostas ao absurdo.

### 4.1 Análise do julgamento feito pelas personagens dostoievskianas

Em ambas as obras, *A dócil* e *O sonho de um homem ridículo*, a questão do julgamento da vida é um item que se apresenta ao decorrer dos textos. É possível perceber que as duas

---

<sup>18</sup> “Em tom de troça, muitas vezes se cita Schopenhauer, que fazia o elogio do suicídio diante de uma mesa bem servida” (CAMUS, 2020, p. 23).

personagens, a jovem dócil e o homem ridículo seguem o caminho do absurdo: em algum momento de suas vidas se deparam com as dificuldades da existência; provam do sentimento de revolta; e por fim, encaram os dois caminhos possíveis. Entretanto, as suas escolhas são diferentes. A jovem moça de *A dócil* opta pelo suicídio, enquanto o “homem ridículo” se decide pelo reestabelecimento. Assim, entende-se por que Camus afirma que nos romances de Dostoiévski, a questão é colocada com tal intensidade que só admite soluções extremas. A existência é enganosa *ou* eterna (CAMUS, 2020, p. 106, grifo do autor).

Na novela *A dócil*, apresenta-se uma jovem órfã que se encontra em uma situação de extrema dominação, de início por parte de suas tias, e depois, por parte de seu marido, com quem ela se casou na esperança de sair dessa repressão vivida anteriormente. Ela vive a absurdidade descrita por Camus, entregue à lassidão de seus atos e da rotina extenuante. Sem nenhuma perspectiva de mudança, de valorização da sua pessoa, chega ao limite das suas ações, à procura de respeito e integridade, já que “esse horizonte de dignificação humana só pode ser alcançado a partir do despertar da consciência através da revolta” (COSTA, 2020, p. 17).

A revolta demonstrada pela moça é um processo que acontece ao longo do texto, de forma gradual e praticamente sem pausas. Não existe um momento em que a jovem não esteja subjugada por alguém, tanto que ela praticamente não fala, e em uma das poucas vezes em que diz algo é para implorar o perdão de seu marido. Para a personagem, revoltar-se é a única forma de lutar contra estas deploráveis circunstâncias, já que, segundo Oliveira,

A revolta não caminha sem o sentimento de estar de alguma forma com razão: "as coisas já foram longe demais"; "assim já não é mais possível"; "já não é mais suportável". Se observarmos o conteúdo de suas negações, veremos que se trata quase sempre da afirmação de limites, de direitos que necessitam ser reconhecidos (OLIVEIRA, 1988, p. 41).

Destarte, é preciso perceber que as motivações que levaram a dócil a tais atitudes de revolta, a tamanhas transformações em seu comportamento, se dão pelo contexto vivido, uma situação absurda em que ela se vê repudiada pelo seu próprio marido, depois de assim ter sofrido com as suas tias. Logo, estas atitudes certamente não representam quem a dócil é de verdade, já que o revoltado não é um egoísta ou ressentido, ou seja, não quer possuir algo que não tenha e nem está interessado em ser o que ele não é, mas sim, defender aquilo que ele é (MACHADO, 2010, p. 67).

Seguramente, erguer o revólver para o dono da casa de penhores é o ato mais rebelde que a jovem comete contra o seu marido. Tal atitude, entretanto, não corresponde à verdadeira

vontade dela, uma vez que ela não leva tal tentativa ao seu fim, e nem lhe causa felicidade, já que ela vive consternada após tal episódio, pois “o fato de o revoltado combater a opressão e o crime não exclui a possibilidade de ele recorrer, nas insurreições, por exemplo, a estes limites extremos. Mas tal abertura não lhe traz nenhum conforto” (OLIVEIRA, 1988, p. 49).

Para se libertar de tal situação, na qual a dócil tem seus sentimentos ignorados e suas vontades suprimidas, e o futuro se apresenta ainda mais desagradável, em um exílio de vida não desejado por ela<sup>19</sup>, tirar a própria vida parece ser a única solução. Isso acontece porque independentemente da extensão da sua dominação, ninguém pode possuí-la, e ela prova isso quando comete suicídio, seu ato único e completamente elaborado pelo eu (VARGAS, 2016, p. 43).

Enfim, o ato cometido pela moça é a sua resposta a esse absurdo vivido por ela. É uma recusa a tal situação, a negação do direito de a tiranizarem, e a forma de dirimir tamanho sofrimento. Entretanto, é preciso reconhecer que essa alternativa escolhida não representa o desejo da jovem, isso porque ela - como qualquer outro revoltado - não quer morrer, mas, sobretudo, negar-se a prestigiar a força que a permite viver nessas circunstâncias, pois não basta estar vivo, é preciso ir além (AZEVEDO, 2017, p. 85).

Já em *O sonho de um homem ridículo*, encontramos um indivíduo certo da falta de sentido em sua vida e que por isso planeja matar-se. Interpelado por uma menina no meio de seu caminho para a morte, esse ato acaba servindo como um gatilho no homem, que acaba despertando em si uma inquietação. Essa angústia, por sua vez, leva-o a sonhar com uma sociedade utópica, onde todos os habitantes vivem felizes e em harmonia. Essa experiência por sua vez, tão real e profunda para ele, o faz acreditar na possibilidade de uma vida plena e motivada. Assim, tirar a própria vida não tem mais coerência, já que agora a sua existência reconhece o outro e lhe dá uma possibilidade de vida fora do próprio eu.

O desespero do homem está no momento em que nasce a vontade do suicídio, mas a vontade não acarreta coragem de realizar o ato, por isso, seja por medo ou por apego a vida que o homem não se mata, talvez tenha sido na garotinha que ele tenha achado sentido na sua vida, e não tenha se matado (COSTA, 2020, p. 38).

A desistência de ação tão lúgubre se dá pelo efeito do que a garota causa no homem ridículo. A angústia antes sentida e que lhe causava esse desejo de morrer dá agora espaço à

---

<sup>19</sup> “Propus a ela de repente repartir tudo entre os pobres, exceto os três mil iniciais, herdados da minha madrinha, com os quais viajaríamos a Boulogne, para então voltarmos e começarmos uma nova vida de trabalho. E ficamos assim, por que ela não disse nada... ela apenas sorriu. E, pelo visto, sorriu mais por delicadeza, para não me magoar. Pois eu via que eu era um fardo para ela [...]” (DOSTOIÉVSKI, 2017, p. 78).

significação da sua própria vida [do homem ridículo], à descoberta de uma lógica superior que lhe encoraja a encarar o absurdo. Assim, aquela criança não pode, à maneira de um objeto, ser reduzida à consciência de si mesmo para o homem ridículo. Ela se apresenta como outra consciência-de-si, como um alter-ego que é fundamental para a descoberta dos limites da existência, limites aos desejos de unificação e de transparência, intrínsecos aos homens (OLIVEIRA, 1988, p. 66).

Todo o processo que o protagonista vive, desde a sua chegada em casa até o seu adormecimento, se sucede exatamente pela reflexão que leva ao fim da indiferença. O seu sonho é uma continuidade e oportunidade real de um entendimento maior acerca dessa nova vivência que ele experimenta, de um senso próprio e coletivo que o faz mudar de atitude diante da vida. Como esclarece Oliveira e Silva,

[...] os pensamentos oníricos do personagem em relação ao sonho, aos acontecimentos descritos no planeta semelhante ao da Terra, estão muito próximos da sua realidade, pois é em virtude do que sonhara que seu comportamento muda. Tem-se, a partir do sonho, uma esperança para uma nova visão diante do mundo que o cerca, diante da relação humana. O sonho se desprende das imagens e recai em ações, em palavras (OLIVEIRA E SILVA, 2018, p. 143).

Surge, enfim, a solidariedade, fruto dessa identificação que o homem ridículo sente pelos habitantes dessa nova terra e que aproxima grupos tão diferentes. Ela é um sentimento comum a todo e qualquer revoltado, já que é nos momentos de revolta “que os homens vão confrontar suas diferenças, mas já como homens que se identificam. Que descobrem, entre outras coisas, que compartilham a solidão e o exílio, e que a felicidade que poderão alcançar deverá também ser compartilhada” (OLIVEIRA, 1988, p. 55).

A partir de então há uma relação e desejo de unidade e de amizade por parte do homem ridículo não somente com os habitantes da terra desconhecida, como também com o seu mundo. Assim, a angústia, o desespero e a revolta sentidas por ele, dão lugar a um sentimento de afeto que o devolve à vida. A felicidade, antes desconhecida por ele, passa a ser encontrada nessa comunhão vivida e baseada no amor.

O amor é descoberto pelo homem camusiano no próprio coração da revolta, não é apenas o amor para com os homens, uma vez que o estado de separação é generalizado e assim extensível ao céu, à terra e a ele mesmo. Neste sentido, o homem tem necessidade de uma união universal com toda a existência para encontrar a felicidade de viver e de morrer. O primeiro passo da revolta unitária é, justamente, procurar certa forma de amor para que a

partir daí seja possível a sua realização. A felicidade encontra-se, não no ato de negar, mas sim no ato de amar (COSTA, 2020, p. 24).

Desse modo, o desfecho que se esperava funesto, concretiza-se como uma grande apologia à vida. O final dessa narrativa, portanto, nos faz acreditar que “há esperança em ter o sentimento, o respeito para com o outro, a convivência com as diferenças, o amor ao próximo, em viver realmente em torno da felicidade humana” (OLIVEIRA E SILVA, 2018, p. 143).

As duas obras seguem caminhos reversos. Enquanto em *A dócil*, a jovem tenta a todo custo encontrar formas de viver livre da opressão de seus próximos, mas por não conseguir outro caminho acaba cedendo ao suicídio, em *O sonho de um homem ridículo* temos um homem que já decidido da sua vontade de se matar, reestabelece-se e passa a viver com mais intensidade.

As duas narrativas, porém, convergem quando olhamos para o absurdo existencial que cada personagem vive e que é elemento essencial para o desenvolvimento das tramas. Como o próprio Camus exalta, na criação de Dostoiévski encontramos as nossas angústias cotidianas, e ninguém como ele soube dar ao mundo absurdo prestígios tão próximos e torturantes (CAMUS, 2020, p. 110). Neste próximo tópico, analisaremos então como o absurdo é um elemento necessário para a vivência do homem.

## 4.2 O absurdo como condição da existência humana e a recusa ao suicídio

Descrito de maneira tão trágica, evidentemente torna-se difícil de entender e aceitar o absurdo como algo intrínseco ao homem. Entretanto, em um mundo que por si só não é razoável, mais absurdo ainda é o confronto entre o irracional e o desejo desvairado de clareza cujo apelo ressoa no mais profundo do homem (CAMUS, 2020, p. 34).

Diante de tal cenário, o homem consciente da sua perene ligação com o absurdo pode ter a certeza de não pertencer mais ao futuro, embora também possa sentir a vontade de escapar do universo que criou (CAMUS, 2020, p. 42). Pode assim, o homem, na tentativa de fugir do absurdo, querer retornar ao seu antigo sono, à inconsciência de sua situação. Contudo, é preciso refletir se haveria a possibilidade de um regresso a esse estado sem um percebimento transformado. Como questiona Machado:

Poderia o homem, após o surgimento do absurdo, após suscitar o "por que", retomar sua vida normalmente, do ponto onde deixou ignorando a nova percepção da realidade que a consciência do absurdo lhe ofereceu? Seria ele

capaz de ignorar sua nova "descoberta", a saber, a esterilidade de suas ações e a absurdidade de sua vida? (MACHADO, 2010, p. 39).

De maneira semelhante, a personagem de *A dócil* vive essa experiência de retorno a uma inconsciência, quando fica isolada dentro de sua própria casa, dormindo na sala. Entretanto, essa situação não é sustentada pela jovem, já que, como visto acima, é improvável que depois de descoberto o absurdo, algum indivíduo seja capaz de preterir esse sentimento vivido.

Nesse sentido, uma decisão mais radical ainda seria o suicídio. Isso porque o suicídio extingue um dos termos do confronto que existe no absurdo.<sup>20</sup> No entanto, há aqui um grande impasse, pois eliminar qualquer um desses elementos é findar a própria absurdidade, ou seja, o suicídio não consegue resolver por completo o absurdo, mas sim, destruí-lo. Como Ortega observa,

Camus aceita a ligação direta entre o absurdo e o suicídio. Porém, [...], é a escuridão e não a clareza que alimenta a relação do absurdo com o suicídio; o passo que Camus dará para lançar luz sobre esse assunto consiste na afirmação de que a relação entre o absurdo e o suicídio não é necessária, mas contingente. À sua maneira, o suicídio resolve o absurdo. Mas é justamente nesse ponto que Camus começa a desvendar o problema. O absurdo não pode ser resolvido porque o absurdo é o confronto (ORTEGA, 2010, p. 15, tradução nossa).<sup>21</sup>

Por esse motivo, Camus recusa o suicídio. Em seu pensamento, o absurdo ainda nos dá possibilidades, mesmo com a chance de tensões. Assim, para ele, a grande questão do homem é sobre viver e pensar com esses dilaceramentos, com os sofrimentos que o absurdo em si carrega e saber se era preciso aceitá-los ou recusá-los, e não ser uma questão de disfarçar a evidência, de suprimir o absurdo negando um dos termos de sua equação (CAMUS, 2020, p. 42).

“Aqui se vê como a experiência absurda se afasta do suicídio. Pode-se pensar que o suicídio se segue à revolta. Mas é um engano” (CAMUS, 2020, p. 60). Posto isso, é preciso

<sup>20</sup> “O absurdo é essencialmente um divórcio. Não consiste em nenhum dos elementos comparados. Nasce de sua *confrontação*. No plano da inteligência, posso então dizer que o absurdo não está no homem (se semelhante metáfora pudesse ter algum sentido) nem no mundo, mas na sua presença comum” (CAMUS, 2020, p. 41, grifo nosso).

<sup>21</sup> “*Camus acepta, por tanto, el vínculo directo que hay entre lo absurdo y el suicidio. Sin embargo, como se ha dicho antes, es la oscuridad y no la claridad lo que aviva la relación de lo absurdo con el suicidio; el paso que dará Camus para arrojar luz sobre este asunto consiste en la sustentación de que la relación entre lo absurdo y el suicidio no es necesaria sino contingente. A su manera, el suicidio resuelve lo absurdo. Pero es justo en este punto donde Camus comienza a desembrollar el problema. Lo absurdo no puede resolverse porque lo absurdo es confrontación.*”

reconhecer que a revolta exige permanentemente do homem que ele valorize a sua existência, uma vez que ela é o seu único meio de continuidade.

Sendo a liberdade uma das três consequências do absurdo, junto com a revolta e a paixão, ela também se distancia da absurdidade. Logo, ainda que entendido assim por alguns, o suicídio também não pode ser visto como uma libertação, pois a liberdade autêntica começa com o absurdo, e o aniquilamento da própria vida também aniquila o absurdo. Logo, o desejo de autonomia que a jovem dócil tem não se concretiza com o seu suicídio, mas, na verdade, impede-a totalmente de viver esse sentimento de liberdade.

Na expectativa dessa clareza desejada pelo homem, a automorte revela-se como uma experiência que caminha na contra mão, uma vez que o suicídio é um desconhecimento (CAMUS, 2020, p. 61). Na verdade, para Camus, somente a tomada de consciência daria ao homem a oportunidade de o homem desvelar as suas possibilidades e dar início a um novo momento a ele.<sup>22</sup> Nesse sentido,

É preciso aceitar o absurdo com a mesma intensidade com que se deseja viver, pois vivê-lo, em sua completa lucidez, significa contemplá-lo. Não se deve jamais rejeitar o absurdo, pois recusá-lo seria o mesmo que por fim a esta consciência, mantendo-se dessa forma na obscuridade de um pensamento anuviado (AZEVEDO, 2017, p. 44).

Dessa maneira, não se pode pensar que o retorno a uma vida maquinal, o eterno desconhecimento acerca da condição absurda do homem ou a morte voluntária sejam opções possíveis para se resolver o absurdo, já que elas constituíram espécies de suicídio (as duas primeiras como suicídios filosóficos, e a última, físico). Ao contrário, Camus defende a manutenção dele, pois o próprio absurdo e a sua vida contraditória também aqui nos ensina a viver o máximo possível (CAMUS, 2020, p. 67).

Na verdade, a condição absurda do homem não impede que a sua vivência se encontre com a felicidade. No entanto, é necessário agora que ele saiba lidar com os novos fatores, que ele saiba organizar a sua vida dentro dos limites agora descobertos (MACHADO, 2010, p. 42). Logo, o absurdo, quando entendido em toda a sua complexidade, nos impele à vida e à busca de um sentido à existência.

Por consequência, o homem agora é capaz de assumir o controle da própria vida. A sua condição de consciente o dá a chance de procurar formas de viver bem, sem que isso

---

<sup>22</sup> “Pois tudo começa com a consciência e nada vale sem ela” (CAMUS, 2020, p. 41).

signifique uma necessidade de recorrer ou estar preso a questões exteriores de cada indivíduo. Como assevera Oliveira,

por mais "absurdo" que possa parecer estar vivo em meio a coisas, pessoas, valores que não respondem ou atendem integralmente às nossas demandas, porque não podem fazer isto, ainda assim vale a pena o esforço em prol de uma autoconstituição que nos permita uma integração entre o sentido que damos às nossas vidas e as possibilidades de que ele seja efetivamente atingido (OLIVEIRA, 2018, p. 95).

Não sendo, pois, o suicídio uma opção correta para Camus, já que ele não é o seu desenlace lógico (CAMUS, 2020, p 60) e agora o indivíduo torna-se totalmente responsável pela sua possível e feliz experiência de vida, refletiremos adiante como o reestabelecimento é visto e assumido dentro da vivência do homem.

#### **4.3 O desenlace lógico do absurdo: o reestabelecimento**

Analisando, então, toda essa perspectiva camusiana, busca-se entender se o indivíduo é capaz de julgar o valor da sua existência, decidindo quando deixa de viver? Existe um posicionamento correto para essa questão? “Pode o homem assumir que a vida foi mais forte e o superou ou a nossa capacidade racional chegou a um limite que nos impede de compreender nossas próprias vidas?” (OLIVEIRA, 2018, p. 93).

É importante salientar que essa questão do julgamento de vida, ainda que deixada de lado ou condenada muitas vezes, constitui uma grande e necessária problemática a ser resolvida. Isso porque filosofar sobre questões da experiência humana e como ela deve ser vivida, sem antes refletir sobre o próprio ato de viver, impede que se chegue a respostas completas. Como explana Pimenta,

A reflexão ética tradicional é muito superficial. Nela, notamos uma falta de radicalidade em dar por respondidas questões fundamentais, tais como o sentido da vida humana, a continuação do existir, etc. Antes de responder como viver, como fazer desse mundo um mundo agradável - ou pelos menos suportável, devemos responder se a vida vale a pena ser vivida. Se ela não vale a pena, é estéril toda tentativa de fazer desse mundo o melhor dos mundos possíveis. Assim, percebemos que a ética tradicional começa pela metade. Antes de responder se devo viver, ela busca uma resposta para o problema do como viver. Os filósofos passam pelo problema do suicídio, na maioria das vezes, de maneira rápida e superficial e quase sempre para condenar (PIMENTA, 2012, p. 16).

Camus responde essas questões acreditando que o homem é sim capaz de superar toda essa obscuridade que se apresenta à condição humana e que por isso deve-se acreditar que a vida vale a pena ser vivida, pois “no apego de um homem à sua vida há algo mais forte que todas as misérias do mundo” (CAMUS, 2020, p. 23). Logo, Camus apresenta o absurdo, mas reconhece que maior do que ele é a própria vontade de viver.

Desse modo, continuar a viver é a única chance que o homem tem de dar sentido a sua existência, e ainda que não se consiga, só o fato de buscá-la já se constitui como uma lógica bastante convincente. Destarte, ratifica Oliveira (1988, p. 74), é necessário viver para criar o que somos. Logo, a morte, deve ser combatida o quanto for possível; e mesmo que não haja um sentido superior, a única coisa que tem sentido é o homem, ainda porque ele é o único a exigí-lo.

Assim, mesmo que a existência seja caracterizada como sem sentido ou carregada de um pessimismo, o absurdo deve ser encarado e transformado pelo homem, e não somente admitido, sem nenhum esforço de mudá-lo, a fim de que a vida ganhe sua razão própria. Como apresentado na narrativa de Dostoiévski, o homem ridículo, logo após recusar a sua morte, faz da pregação da verdade o sentido de sua vida inteira<sup>23</sup>. Logo, dando à sua existência um propósito, pode ele viver plenamente agora, ainda que seja uma tarefa complicada e exigente. Nesse raciocínio, Azevedo afirma que

Camus defendia que a aceitação do absurdo não se tratava simplesmente de aceitar a vida, mas de buscar sentidos para ela. Aceitar uma vida sem compreender o seu significado e suas razões seria tão somente a manutenção de uma vida maquinal, desprovida de sentidos. A ausência de sentidos deve ser tomada como um encorajamento à vida e não à morte (AZEVEDO, 2017).

Portanto, ainda que tomado pelo sentimento do absurdo, imerso nessa sensação de angústia e fratura do mundo, o homem consciente de sua condição, pode usar exatamente das suas lidas e dificuldades que lhe são próprias. E não tendo a condição de modificar o exterior e tudo aquilo que lhe é inatingível, cabe a ele procurar transformações interiores. Viktor Frankl, psicólogo austríaco que vivenciou os horrores do campo de concentração do regime nazista, ratifica e demonstra essa possibilidade de reforma das dores humanas.

Não devemos esquecer nunca que também podemos encontrar sentido na vida quando nos *confrontamos* com uma situação sem esperança, quando

---

<sup>23</sup> “Naquele mesmo minuto decidi que iria pregar, e é claro que pelo resto da minha vida!” (DOSTOIÉVSKI, 2017, p. 121).

enfrentamos uma fatalidade que não pode ser mudada. Porque o que importa, então, é dar testemunho do potencial especificamente humano no que ele tem de mais elevado e que consiste em transformar uma tragédia pessoal num triunfo, em converter nosso sofrimento numa conquista humana. Quando já não somos capazes de mudar uma situação [...], somos desafiados a mudar a nós próprios (FRANKL, 2008, p. 136, grifo nosso).

Para Camus, entretanto, além de rejeitar o suicídio e aceitar a vida, é preciso que o indivíduo se esforce para que a sua vivência seja completa e plena. Isso porque, em primeiro lugar, o homem vive adiando a sua experiência de tal forma que, em um determinado momento, percebe que já perdeu, desperdiçou grande parte de sua existência, já chegou aos “trinta anos”.<sup>24</sup>

Depois, a intensidade com que se vive não é determinada pelo tempo de vida de cada um, e sim pela forma como cada qual a vivenciou, pois “o mundo proporciona sempre a mesma soma de experiências a dois homens que vivam o mesmo número de anos. Cabe a nós ter consciência disso. Sentir o máximo possível sua vida, sua revolta, sua liberdade, é viver o máximo possível” (CAMUS, 2020, p. 67). Com isso, torna-se possível ao homem ridículo que mesmo tendo desaproveitado boa parte de sua existência, que ele ainda tenha a oportunidade de ainda viver intensamente, pregando a verdade e em contato com seus amigos.

Tais considerações feitas por Camus, de maneira tão profunda e concisa sobre o contexto da vida do homem, revelam a sua confiança e amor pela vida, independentemente das forças contrárias que possam aparecer. Além disto, os seus escritos compõe-se como uma grande produção em defesa da existência humana. Portanto, podemos ver Camus como “um autor esperançoso, embora alguns achem o contrário. Ele aborda fatos reais, seus ensaios trazem mais que literatura, é uma filosofia de vida” (COSTA, 2020, p. 26).

Assim, a vida, mesmo com toda dificuldade e sofrimento que surja, deve sim ser amada e valorizada, pois “a partir do momento em que é reconhecido, o absurdo é uma paixão, a mais dilacerante de todas” (CAMUS, 2020, p. 34). Cabe agora, ao homem - e a cada um de nós - viver intensamente essa paixão.

---

<sup>24</sup> “Da mesma maneira, e em todos os dias de uma vida sem brilho, o tempo nos leva. Mas sempre chega uma hora em que temos de levá-lo. Vivemos no futuro: ‘amanhã’, ‘mais tarde’, ‘quando você conseguir uma posição’, ‘com o tempo vai entender’. Estas inconseqüências são admiráveis, porque afinal trata-se de morrer. Chega o dia em que o homem constata ou diz que tem trinta anos” (CAMUS, 2020, p. 27).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de tudo aquilo que se foi exposto nesse trabalho monográfico, depreende-se que para Albert Camus ainda que o absurdo vivido pelo homem possa, em um primeiro momento, apresentar um panorama pessimista e trágico, ele não significa que deva haver um abandono da vida ou uma sensação de impossibilidade de felicidade. Cabe ao homem, dentro de suas perspectivas, encontrar meios de “carregar” e superar esse fardo da existência imposto a cada um.

Logo, a recusa ao suicídio é o julgamento correto que Camus defende diante da condição absurda que o homem vive, ainda que esta não lhe pareça dar muito sentido de vida. Em vista disso, a busca por essa motivação, por esse propósito em existir deve guiar a existência humana, de maneira símile ao empenho que o homem ridículo depreende após o seu sonho, e que em um determinado momento faltou à jovem dócil e a levou a tirar a própria vida.

Tais contribuições de Camus são muito relevantes para a sociedade hodierna, visto que há uma crescente banalização da vida e retirada de seu valor inviolável. Ademais, considere-se o processo de adoecimento psicológico – e por que não pensar em um adoecimento moral também, causado pelo egoísmo e a indiferença - pelo qual o mundo inteiro passa. Fragilizadas, então, as pessoas agora não conseguem mais lidar com seus problemas e podem achar na morte voluntária um caminho rápido para a resolução deles. É importante ressaltar que o contexto pandêmico vivido atualmente agrava os fatores de risco para o suicídio, como o desemprego, a fome, a insegurança, o isolamento e o medo, entre outras causas.

Assim, essa reflexão acerca do absurdo e do sentimento de fratura que ele causa no homem instiga-o a se reestabelecer e encarar as suas dificuldades, além de trazer argumentações válidas para a valorização da vida e a sua existência máxima.

Certamente, o presente trabalho tem as suas limitações, principalmente pela profundidade do tema e da falta de produções existentes e acessíveis sobre ele. Vê-se também que a largueza do conteúdo pesquisado dá a possibilidade de muitas outras interpretações, que por causa do tempo e complexidade não conseguiram ser expressos nesta monografia.

Deste modo, futuras pesquisas ainda podem contribuir mais ainda sobre esta temática, explorando a concepção de revolta ou liberdade, que se seguem ao absurdo. Para tal, novas ligações podem ser feitas se utilizando de outras obras, ou de Dostoiévski ou até mesmo de outro romancista, tendo em vista essa relevância dada por Camus à literatura, e até mesmo a novidades que esta conjunção pode trazer às nossas reflexões.

Por fim, o presente trabalho pretendeu dar mais visibilidade tanto ao tema, que apesar de ter ganhado mais espaço dentro das discussões sociais e também científicas é ainda uma questão problemática, como ao autor, que trouxe à tona assuntos de sua época e posicionou-se fortemente contra as ideias e ideais que se opunham à vida, mas que infelizmente não teve o seu devido reconhecimento.

## REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, Aracelly Galvino. **O suicídio como radicalização do ato de não mais escolher**: Um estudo a partir do entrelaçamento entre filosofia e literatura em Sartre. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2015. Disponível em: <<https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/ppgpsi/Publicacoes/Dissertacoes/ARACELLY%20GALVINO%20ALVARENGA.pdf>> Acesso em: 24 abr. 2021.
- AZEVEDO, Pedro Israel Saraiva de. **Do absurdo à revolta em Albert Camus**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/36348>> Acesso em: 04 abr. 2021.
- BERNDT, Aldo. Absurdo, revolta e exílio na obra de Albert Camus. **Estudos Teológicos**. v. 1, n. Especial, p. 53-68, 1961. Disponível em: <[http://est.tempsite.ws/periodicos/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/1663](http://est.tempsite.ws/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/1663)>. Acesso em: 15 maio 2021.
- CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. 14 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2020. 138 p.
- \_\_\_\_\_. **O homem revoltado**. Tradução de Valerie Rumjanek. 9 ed. Rio de Janeiro: Record, 2011. 352 p.
- CAXITO, Fabrício. Absurdo e Contingência em Camus e Sartre. **Contextura**, Belo Horizonte, n. 13, p. 31-38, dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistacontextura/article/view/3861>>. Acesso em: 21 abr. 2021.
- CHAVES, Thaís Figueiredo. **Tanatografia n’Os Demônios de Dostoiévski**: arena discursiva e suicídio literário de Stavróguin. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/18848>> Acesso em: 27 abr. 2021.
- COSTA, Phabyo Laurenço da. **Absurdo, arte e revolta em Albert Camus**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2020. Disponível em: <<https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/12092?locale=en>> Acesso em: 10 abr. 2021.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Duas narrativas fantásticas**: A dócil e O sonho de um homem ridículo. Tradução de Vadim Nikitin. 4 ed. São Paulo: Editora 34, 2017. 128 p.
- FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Tradução de Walter Schlupp e Carlos Aveline. 25 ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008. 184 p.
- GONDIM, Denise Saleme Maciel; MARTINS, Paula Mousinho. O suicídio na história do pensamento social: da antiguidade à psicanálise. **Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, v. 11, n. 30, p. 86-103, 2021. Disponível em:

<[https://ojs3.perspectivasonline.com.br/humanas\\_sociais\\_e\\_aplicadas/article/view/2269](https://ojs3.perspectivasonline.com.br/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/2269)>. Acesso em: 15 jun. 2021.

JEANSON, Francis. **La polémica Sartre-Camus**. [S. l.]: Ediciones elaleph.com 1999. 162 p.

JUDT, Tony. **O peso da responsabilidade**: Blum, Camus, Aron e o século XX francês. Tradução de Otacílio Nunes [recurso digital]. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. ePub.

MACHADO, Patrícia de Oliveira. **Absurdo, revolta, ação: Albert Camus**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/8387>> Acesso em: 27 abr. 2021.

NIKITIN, Vadim. Prefácio. IN: DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Duas narrativas fantásticas: A dócil e O sonho de um homem ridículo**. Tradução de Vadim Nikitin. 4 ed. São Paulo: Editora 34, 2017. 128 p.

NUCCI, Ângela. A utopia e a sobornost em O sonho de um homem ridículo de Fiódor M. Dostoiévski. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, v. 10, n. 1, p. 1-15, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/467>>. Acesso em: 15 ago. 2021.

OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. **A REVOLTA em ALBERT CAMUS**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1988. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-9W9JCP>> Acesso em: 20 abr. 2021.

OLIVEIRA, Joaquim Humberto Coelho de; SILVA, Carlos Antônio Pereira da. O ser consciente e onírico em “O sonho de um homem ridículo”, de Dostoiévski. **Conhecimento & Diversidade**, Niterói, v. 10, n. 21, p. 137–147, maio/ago. 2018. Disponível em: <[https://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/conhecimento\\_diversidade/article/view/3530](https://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/conhecimento_diversidade/article/view/3530)>. Acesso em: 30 abr. 2021.

OLIVEIRA, Luizir de. O suicídio: um problema (também) filosófico. **Revista Natureza Humana**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 83-97, jan./jul. 2018. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v20n1/v20n1a06.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

ORTEGA, Rubén Maldonado. **Absurdo y rebelión**: una lectura de la contemporaneidad en la obra de Camus. Barranquilla: Ediciones Uninorte, 2010. 200 p.

PIMENTA, Danilo Rodrigues. A Postura Camusiana Perante o Suicídio Físico. **Existência e Arte**, São João del-Rei, ano VIII, n. VII, jan./dez. 2012. Disponível em: <[https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/A\\_Postura\\_Camusiana\\_Perante\\_o\\_Suicidio\\_Fisico.pdf](https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/A_Postura_Camusiana_Perante_o_Suicidio_Fisico.pdf)>. Acesso em: 15 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. A filosofia posta em imagens de Albert Camus. **Prometheus - Journal of Philosophy**, v. 11, n. 26, jan./abr. 2018. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/8611>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia:** Do Romantismo até nossos dias. São Paulo: Paulus, 1990. (Coleção filosofia, v. 3).

VARGAS, Jéssica Souza. **Outros subsolos:** uma análise de Uma criatura dócil. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7121>> Acesso em: 02 maio. 2021.